



GUSTAVO TEIXEIRA

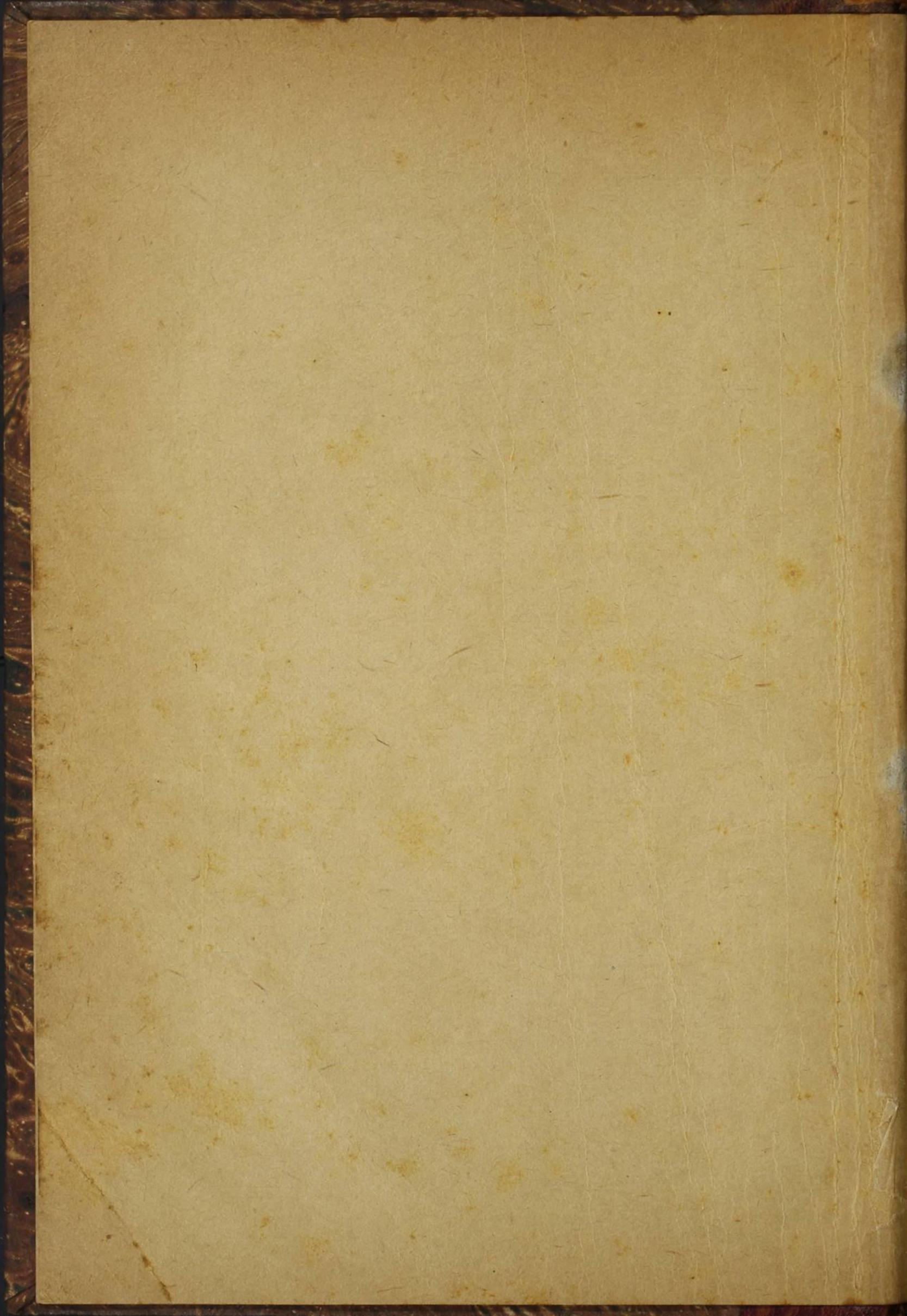
EMENTARIO

(1904-1907)

PREFACIO DE
VICENTE DE CARVALHO



1908
Typographia Maré & C.
S. PAULO



GUSTAVO TEIXEIRA

EMENTARIO

(Amor—Aquarellas—Cambiantes)

(1904-1907)

PREFACIO DE
VICENTE DE CARVALHO



1908
Typographia Maré & C.
Rua da Caixa d'Agua, 2
S. PAULO



Ao noble comprador. Tristeza Seixas,
um dos maiores poetas da actual
geração, oferece

S. Paulo, 25-6-08

Gustavo Tixui a

3

Basta ás vezes um verso para revelar um poeta. Ha versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê. Nem sempre se poderá dar a razão da magia com que nos seduzem. E' difficult, quando não seja mais do que isso, decompor a trama subtil de que se tece toda a poesia de uma curta linha de poucas palavras. Definir a beleza tem sido aspiração de inumeros criticos ; não sei de algum que a tenha realizado. O que é certo é que a belleza se faz sentir, independentemente de se fazer comprehendere, num bello verso como em tudo que é bello.

Um verso desses é um acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propicios só concedem aos poetas que de verdade o são. A' cata della malbaratam a vida inteira os que consagram ao culto das musas toda a inutil energia das suas faculdades desamparadas da *vis divina*. Poderá accumular-se, immenso pelo volume, o resultado do seu affinco ; porque, nessa especie bastante numerosa, nem sempre falta, e até sóbra ás vezes, a fecundidade. Conquistam elles a perfeição mecanica do metro, e adquirem legitimamente, com o suor do seu rosto e o concurso dos diccionarios, a riqueza, ás vezes opulenta, das rimas... E, com tudo isso, amontoando estrophes sobre estrophes, erguerão montanhas opacas de vulgaridades, de onde não se destacará nunca resplandendo o pequenino diamante inconfundivel de um verso verdadeiramente bello.

Si a poesia é um bem—e assim ha de parecer aos olhos dos que a namoram e requestam com paixão mal compensada e fiel — é bem que só se adquiere *par droit de naissance*. Não

+
alias imm
miser

!!

ha esforço que assegure essa recompensa sem causa, que os deuses prodigalisam unicamente aos eleitos da sua graça. Si existe alguma vaidade mais vã do que as outras, será a dos poetas vaidosos. Bem espremido, o seu grande merecimento está em terem nascido. *Vanitas vanitatum.*

Jan

**

Seria talvez preferivel, no interesse todo esthetico de uma melhor symetria das cousas, que a perseverança no culto do verso, e a fecundidade, sobretudo a fecundidade, fossem attributos menos communs nos versejadores infelizes, e mais intensos em alguns poetas, de voz sonora e rara... E' possivel que os deuses parcialissimos andem erradamente, nisso como em muito mais. A justiça é invenção humana a que os deuses votam o mais distrahido desdem. A natureza é uma desordem moral permanente. Mas que se lhe ha de fazer? E' lícito, pois a critica é facil, e não estamos incumbidos de executar melhor, criticar a accão dos deuses; mas não nos é dado corrigir-lhes os defeitos. Temos de acceitar o mundo como está feito á revelia da nossa opinião, e os poetas, bons ou maus, como nos apparecem nas obras que constroem por sua conta e risco.

Amemos os bons pelo bem com que nos favorecem, deliciando-nos a alma. A poesia tem alguma utilidade, ainda que só no ponto de vista puramente esthetico, como uma ornamen-tação da vida.

*Era se fumado
não se pode dar
prova de syne-
sativa*

Perdoemos aos maus, fugindo-lhes. Mas não os conden-nemos a pena mais severa, e antes deixemos que os acompanhe e console a nossa sympathia. Elles são inteira-mente inoffensivos a quem não os lê. Ha rigoristas intransigentes

que classificam no quadro negro das más acções os maus versos. E' exagero. Os maus versos só são imperdoaveis nos bons poetas. Com os versejadores infelizes, afinal o que mais se perde — é o tempo delles ; si é que se pôde considerar perdido o tempo que subtrahem ás materialidades da existencia para o consagraro a uma preocupação espiritual . . . Os que amam a poesia devem, sinão estima, sympathia pelo menos aos que empregam no culto della, com fervor e boa fé, todos os zeros que têm dentro de si. Quem poderá calcular a porção de alma que ha num ruim soneto ?

Os metrificadores sem sorte praticam um voluntariado inutil, mas bem intencionado: dependesse da vontade delles, e seriam todos optimos, e rendilharia primores. Querem, e com intensa fé, mas não podem. Onde está nisso culpa que não seja de um odioso, de um desvairado destino? Segundo a moral humana, o merecimento consiste no esforço, e o premio compete ao merecimento. Os deuses, ao que parece, não adoptaram até agora a moral humana, que, a falar verdade, não se lhes terá imposto ainda pela auctoridade de uma experiençia sufficientemente provada na practica. Elles darão talvez ás nossas theorias irrefutaveis um ironico sorriso de benevolencia. Quanto á regeneração dos seus costumes, é provavel que resolvam nisso com a pachorra de quem dispõe da eternidade.

* *

Vinha eu pensando tumultuosamente essas cousas vadias, a proposito de outra bem simples : o caso de um poeta novo,

6

que se me revelou, e adivinhei por um dos que nasceram bem fadados, nesta singela estrophe :

*Quem perde uma illusão ridente nada perde :
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões ...*

Yer i' verde
+
Not intérn

Pareceu-me, ao ler essa estrophe, que só um poeta de raça a teria escripto. Si eu fosse critico, pouco me custaria de certo deslindar os elementos de que se compõe o encanto daquelles quatro versos encantadores. Os criticos de nada duvidam, e se abalançam a tudo. Mas não sou critico, nem tenho inclinação para esse lado. Nunca achei quem me ensinasse por que me encanta uma alegre manhã de sol; nem o procurei aprender, o que aliás talvez só conseguisse fazer estudando-o menos nas claras manhãs em si mesmas, do que na minha propria alma...

Confesso-me incapaz de descobrir por mim as regras a que terá obedecido o poeta para conseguir dar áquellas quatro curtas linhas todo o perfume de poesia de que tão impregnadas as sinto. E resigno-me a acreditar ingenuamente que elle, ao deixar cahir da penna aquelles versos lindíssimos, nem se lembraria talvez de que havia no mundo regras para fazer lindos versos...

*Quem encontra
borboleta protege
não encontra
por ocasião*

Uma estrophe assim é sempre um acaso feliz; acaso procurado ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialíssimos protegem. A inspiração é uma borboleta caprichosa, que só os afortunados encontram, e dentro de si mesmos... Um versejador vulgar, mourejando a vida inteira a forjar versos nos moldes de todas as regras, não lo-

Curiósidade interessada
é polícia. A curiosidade po-
sso. J. J. é interesse

7

graria nunca incrustar na sua vasta obra aquelle pequenino e luminoso diamante :

Quem perde uma illusão ridente nada perde:
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões...

Interessou-se-me a curiosidade pelo autor dessa estrofe. Indaguei; e vim a saber que era um rapaz de vinte e cinco annos, nascido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive, e exerce as funcções modestas de secretario da Camara municipal. Não sei que vida ainda tão curta, e deslizada toda em tão remota e socegada villa, possúa historia que se conte. Mas a alma do poéta é diferente da sua vida exterior; e tem uma interessante biographia, que se pôde ler entre as linhas dos seus versos.

Percorrendo este livro, será facil ir atravez delle imaginando a lucta que renhiu, e as faculdades que nella teve de desenvolver o espirito de Gustavo Teixeira para attingir, no seu retiro quasi sertanejo, uma arte tão culta e tão fina. Porque o *Ementario* é livro de um estreante; mas, de modo nenhum, o de um principiante que apenas balbucia. Vejam este soneto :

Cleopatra

Sob o pallio de um céo broslado de cambiantes,
A galera real, de tyrias velas tezas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Renhar uma lucta não é certo. Renhar
situamente fver dizer perejar, combater, sis-
pitar, ullirar, e, pise, mignem. Diz perejar
a lucta, combati - luta, disputa - lucta
etc. A E s s quis dizer o f o fute tem
o mante lucta - renhar.

Mentira. S. T.
educa - se em
S. Paulo, tem aqui
sua roda, aqui
pe deu desenho
o forte pelo leitor

atravez

Mal pou-
fando.

*Sob um docel de byssso, entre espiraes ebriantes
De incenso, a esculptural princeza das princezas
Scisma... Remos de prata, á flor das correntezas,
Deixam inobeis jardins de bolhas trepidantes.*

*Soluçam harpas d'ouro ás mãos de ancillas bellas;
Branda aragem enfuna a purpura das velas
E á tona da agua alveja um espumoso friso.*

*E a Nayade do Egypto, ao ver a frota ingente
De Marco Antonio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...*

*Com maior afuste
se podera desenhar
de V. C. não sa-
be história*

Pode-se afirmar com afusteza que quem cinzelou tais versos é um artista. Qualquer aprendiz inspirado poderá fazer ressaltar, numa obra desigual, pelo meio de confusos defeitos, bellezas inesperadas. Mas acabar um soneto sem macula, mantendo de principio a fim o vigor da expressão, a limpidez correntia das idéas na sobriedade harmonica das imagens e da phrase, é tarefa que só realiza um poeta já senhor de sua arte.

Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista? Terá sido com esforçado amor de sua obra, e, principalmente, com muito talento, presumo eu. Taine quer á viva força que os artistas sejam um producto do seu meio. O moço poeta do *Ementario* dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão contestado do critico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exótica, que germina, e brota, e floresce, e fructifica, ao acaso, na terra carinhosa dos jardins como nas frinchas de uma rocha.

*Não foi em
Piracicaba
foi em São Paulo*

**

Gustavo Teixeira adquiriu, ou adivinhou, os segredos da forma ; e esse elogio inclue o da sua inspiração. Dizia Goethe com razão e graça que um poeta, enquanto apenas dispõe de uma rica idéa, não possue ainda causa nenhuma. Em materia de poesia, a expressão é tudo ; com a condição, está visto, de ser expressão de alguma causa, que dentro della viva e palpite. Um bello verso ha de conter forçosamente uma bella idéa, ou não será um bello verso, mas apenas um vago rumor. A poesia é uma arte puramente intellectual, e eloquente de natureza. Custa-me acreditar na eloquencia possivel de phrases sem sentido, e sentido claro . . .

No verso, as idéas fundem-se na expressão, e não ha meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma, e poetas de outra especie. Não sei de poeta digno desse nome que valha por obra em estylo atamancado, e não exprima, na lingua de ouro dos versos que ficam, idéas e sensações ainda não ouvidas. De todos os tempos e em todos os poetas, os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, numa phrase perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente concisa, algum aspecto dessa maravilhosa, dessa variadissima, dessa inexgotavel paisagem que é a alma humana.

Referi-me á sobriedade do poeta ; é uma virtude austera e definitiva, que só os mestres attingem, que só os verdadeiros artistas praticam. O abuso das imagens é tentador como quasi todos os vicios. A belleza é simples ; mas o exagero dos ornatos tem um brilho falso que fascina os olhos ingenuos. Si

Este é susceptivel de contaminação. Nunca sempre a belleza é simples.

*Falla dou
Fruta*

*Não se está
tratando de
phrases sem
sentido, mas
de verso que
cerre bella
idéa.*

*8º jne
não tem j. t.*

10

ha cousa incompativel com a poesia, é o gongorismo, que, nas litteraturas, assignala as phases de pobreza e decadencia, e, nos individuos, é uma doença incuravel dos incapazes, e uma crise vulgar dos principiantes.

* * *

*Não é wro
darte*

A poesia do *Ementario* flue como as claras e tranquillas nascentes de varzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia. Gustavo Teixeira pertence ao resumido numero dos que carregam sorrindo o peso da vida. Maguas, e grandes, com certeza as terá soffrido : mesmo nos mais felizes a felicidade é sobretudo feita de resignação ; e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horisonte, faz de quasi todas as realidades desencantos. Mas as suas maguas, não as desabafa elle em desespero e indignação, arremessando contra o ceu longinquo os seus versos, como flechas sibilantes e inoffensivas... As suas tristezas são melancolias suaves ; ha sempre luar nas suas noites. O poeta do *Ementario* é um intellectual ; creio que a sua unica paixão absorvente, dominadora, será o verso. No que se lhe depara, apenas o seduz o interesse esthetic. Os phenomenos da natureza, os incidentes da sua propria existencia, apparecem-lhe graciosamente como assumptos de estrophes. Em tudo quanto vê brilha um fulgor de rimas. Cantando as saudades de um amor feliz, o que mais o preocupa é o meio ambiente :

*Fui ha dias rever o sitio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar meu coração ancioso
Como outr'ora escutando o ruido dos teus passos.*

A lúa, lampejando em lagrimas aceza,
 Desfava em pleno azul o mystico rosario,
 Diffundindo por tudo a agonica tristeza
 Que bebera no olhar da Virgem no Calvario.

Todo o jardim estava em flór como o deixámos,
 Mas pairava por tudo um vago desconforto ;
 Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
 Como Jesus por entre as oliveiras do Horto.

O orvalho, que asfogava as brancas açucenas, *onde nascem as brancas*
 Luzia como o pranto em palpebras humanas. *te envergou em folhas*
 Os cravos, espalmando as petalas serenas, *de rosas humanas*,
 Tinham a cértriumphal das purpuras romanas.

O jasmimeiro abria os flócculos de neve *num sentido, no*
 Como um solto collar de congeiados beijos. *exprime causa af-*
 Parecia-me ouvir no choro da aura leve *gura.*
 Da tua voz celeste os ultimos harpejos.

Do velludo oriental das melindrosas flores,
 Da boca juvenil das nacaradas rosas
 Subia incensalmente um halito de olores,
 Uma fluida espiral de essencias vaporosas.

A rosa do Japão, que, ao léo, estremecia
 A' brisa mais subtil que um sopro de creança,
 Espetada no hastil, sangrando, parecia
 Um coração suspenso á ponta de uma lança.

Os effluvios da noite enchiam-me toda a alma
 Como enchem uma igreja as vaporaes de incenso.
 Havia no mexer de cada mobil palma
 As maguas que no adeus sacode no ar um lenço.

14

*E atroz recordação dos claros dias idos
— Mar em que o meu batel não encontrava escolhos —
A' bocca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos!...*

*Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me deste em horas de delírio!
Não te recordas mais? Sorria em flor Setembro...
Pobre sonho! Não teve a duração de um lírio!*

Percebe-se que o amor foi ahí o pretexto, e a paisagem o assumpto. O que encantou o poeta foram as minúcias do quadro em que elle se deteve a colher cuidadosamente imagens. E lindas imagens, inspiradas quasi todas pelo mundo exterior; mas nenhuma que revelasse num grito eloquente de paixão, num gemido de angustiada ternura, numa fulgurante lagrima de saudade, o que o poeta sentia do seu amor perdido; nenhuma de que resaltasse e em que revivesse o vulto dominante da mulher amada.

Gustavo Teixeira, intencionalmente ou não, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existencia. E si aqui deixo esta observação, é para melhor frisar com exemplo referente á mais vigorosa das paixões que fazem palpitar o coração humano, a impressão que me dá a poesia do *Ementario*: de que é naturalmente tranquilla e discreta. Tenho ouvido afirmar com desdem que o amor é um velho thema. Velho, será; envelhecido, não — nem na poesia, nem na vida. Anacreonte e Petrarcha, Salomão e Byron, Ovidio e Musset, Camões e

*Quid piffa
no entre ne-
hei envelhecido? Ora...*

Ora que leuva: Petrarcha — 1304-1374

| | |
|---------|--------------|
| Salomão | |
| Byron | 1788-1824 |
| Ovidio | 43 a.C. - 16 |
| Musset | 1810-1857 |
| Camões | 1525-1580 |
| Hugo | 1802-1885 |

13

(Hugo, viveram e versejaram separados uns dos outros por séculos de distancia ; e todos amaram de amores novos e víçosos, e todos cantaram o amor com vozes novas e frescas. Por que suppôr estancada de repente uma fonte de inspiração que em todos os tempos manou sempre abundante ? D'entre os poetas, raros admittirão que não haja mais a dizer e ouvir do amor cousas interessantes ; d'entre os namorados, nenhum o acreditará . . .

Por que

* * *

A arte, em todo caso, é a mais custosa e a mais exigente das amantes. A producção da obra artística demanda uma apaixonada energia. Na poesia, as rimas são um luxo sumptuoso de pedras preciosas ; as phrases em que se moldam as idéas precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poesia vive de riquezas que só se adquirem e accumulam por um aspero labor, garimpando assiduamente na lingua ; lapidando pacientemente as palavras até pôr a descoberto o seu brilho íntimo, que é a sua significação precisa e luminosa, domando, corrigindo, encaminhando a inspiração, muitas vezes inconsciente, quasi sempre tumultuosa, sempre descuidada ; submettendo-se ao regimen severo do numero e do rhythmo ; e só assim se familiarisando com essa difícil, maravilhosa linguagem que tão poucos falam, e todos entendem . . .

Um livro como o *Ementario* representa — e disfarça na simplicidade apparente e procurada dos seus versos — um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio indiferente, si não hostil ; fel-o o poeta, sosinho, desajudado, consagrando-lhe o melhor de sua mocidade, sacrificando por elle a bemaventu-

ma poesia
fusca,

Erros

mais
bem
devo

Pois este sujeito não ocho que 25 anos,
não é mocidade?

rança tão cobiçada de se deixar viver; trocando a delicia facil de apenas vegetar sobre a terra pela anciosa tortura que é o desejo insaciavel da perfeição. Só explica tão forte empenho posto em grangear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquelle fortissimo instincto, profundamente humano, que se rebella contra a morte, sonhando, para ainda depois della, uma continuaçāo modificada da vida... A ambição de deixar a sua alma echoando sonoramente em outras almas, atravez dos tempos, é sem duvida o incentivo dos poetas, e a illusão de quasi todos elles. Que recompensa melhor promette alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do ceu?

* * *

Gustavo Teixeira quiz gentilmente associar ao seu livro de estréa o meu nome envelhecido, e aos seus versos algumas linhas de inutil prosa. Submetti-me ao desejo amavel do poeta, sabendo bem que nenhuma prosa alheia o recommendaria como os seus proprios versos. Dar conselhos é um dos privilegios que a idade se arroga, muito particularmente em prefacios, como este, enxertados em livro de estreante. Não sei si alguem terá auctoridade para aconselhar um poeta de talento; eu com certeza não a tenho, e não a pretendo. Um poeta de talento sente, adivinha por intuiçāo, o que mais convem á feição do seu espirito. Si fosse possivel, só um conselho seria licito dar-lhe: o de ter inspiraçāo, e muito amor á sua arte. São qualidades que se não adquirem a conselho de outrem. Demais, Gustavo Teixeira posse-as ambas, e em alto grau: prova-o triumphantemente o *Ementario*.

S. Paulo, 1908.

Vicente de Carvalho.

A FRANCISCO TEIXEIRA

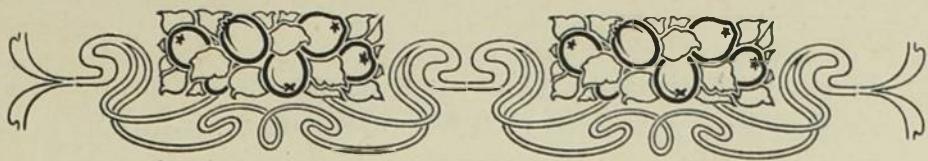
15

16

AMOR

17

18



A MORTE DE PETRONIO

Sobre uma pagina do QUO VADIS?

O triclinio é um jardim. Coroados de rosas,
Na fofez dos coxins de purpurinas cores,
Os convivas, pompeando as togas ondulosas,
Rendilham phrases delicadas como flôres...
Cae do tecto uma chuva ebriante de violetas.
Dos globos de crystal azul da Alexandria
Partem flechas de luz, transluminosas settas,
Que avivam o clarão da iriante pedraria.
A baixella resplende em brilhos d'oiro accesa
Entre folhas de myrtho e entrelaçadas heras
Que enfeitam vernalmente a lucullana mesa.
As ancillas liriaeas — cheirosas primaveras—
Ungem de nardo e myrrha os pés dos convidados,
Mostrando os seios nús e o cabello desnastro
Capazes de prender os deuses enlevados
Com fulvos fios d'oiro em postes de alabastro...
Matinal alegria os rostos illumina.
Das amphoras de prata aos calices radiantes

9
fulvo e oiro que
nem dijo a mesma
coisa

Jorra o espumante Cós, que os animos domina,
 Borbulhando á feição das fontes murmurantes.
 Chocam-se, espaço a espaço, as primorosas taças
 Em que fulgem astraes incrustações de gemmas,
 E, entre sons de crystaes e scintillantes graças,
 Petronio faz á Eunicia as confissões extremas...
 Brilham opalas ricamente facetadas
 Dando beijos de luz no alvor das jovens bellas,
 E é tal a irradiação das joias abrazadas
 Que a gente cuida estar no Olympo entre as estrellas!
 A todos causa assombro o fausto regio, insano;
 Das iguarias sobe o capitoso aroma:
 Pois os raros festins do artista soberano
 Rebaixam os festins do Imperador de Roma!
 Petronio attrae as attenções da sala toda
 Cammentando, risonho, as corridas, a lucta
 Dos gladiadores, os escandalos e a moda
 Com toques de ironia alfinetante e arguta.
 O vinho pouco a pouco os cerebros inflamma,
 E em meio da palestra, occulta num gracejo,
 Zumbe ferinamente a abelha do epigramma!
 Sôa de quando em vez a musica de um beijo
 Deposto na maciez de um collo de alabastro...
 Petronio, ao derramar o Cós, que murmurinha,
 (E a mão—cacho deanneis—flammeja como um astro!)
 Annuncia que bebe em honra da rainha
 De Chypre, a mais egregia e antiga divindade;
 Faz um signal, e logo as cytharas sonoras
 Vibram acompanhando a orpheica suavidade
 Das vozes festivaes como um rumor de auroras...
 Movendo com os quadris de redondez graciosa,
 Dançarinhas, vestindo estofos transparentes,
 Bailam, deixando ver, como botões de rosa,
 Os bicos de rubim dos seios lactescentes...
 Depois um adivinho egypcio toma um vaso
 E faz as predicções dos tramites da vida,
 Que para alguns é um sol quasi a esmaiar no occaso,
 —Pela coloração cambiante da bebida...
 Petronio no coxim da Syria o torso apruma
 E murmura: — «Acceitae, amigos, em lembrança
 Deste dia, que o amor, como um jasmim, perfuma,

*Esta vraca mõ tem
 raga de ver*

*Do ombo é que el
 se capitulo porque
 embriago. As ipurias
 nõ me parecõ cor-
 recto.*

A taça em que bebeis numa cordial folgança!»
 E fazendo faiscar a taça de Myrrhena,
 Que do arco-iris ostenta os lucidos reflexos,
 Firme qual justo ao fim da provação terrena,
 Continúa perante os aulicos perplexos:

— «Eis a taça com que, neste feliz instante,
 A' rainha de Chypre eu saúdo. Em verdade
 Ninguem lhe tocará com os labios d'ora avante,
 Nas libações em honra a uma outra divindade!»
 E no fino mosaico ainda polvilhado
 De açafrão, accendendo um riso de victoria,
 Em particulas quebra o mimo arcoirisado
 Que tanta vez ergueu como um trophéo de gloria!
 Ante o pasmo geral, Petronio, a rir, prosegue :
 — «Dos males a velhice é o mais amargo e serio :
 Mas, antes que com o seu cortejo infando chegue,
 Vou transpor o limiar do nebuloso imperio...
 Mas quero divertir-me ainda ao som de um hymno,
 De Eunieia contemplar as fórmas harmoniosas,
 E, fechando a sorrir o livro do destino,
 Adormecer sonhando entre perfume e rosas !
 Eu já me despedi do satyro». — E, tirando
 De sob o seu coxim de purpura uma carta,
 Petronio a lê, o seu effeito prelibando,
 Homerico e triumphal como um heróe de Sparta!

DE PETRONIO A CESAR

— «Sei que teu nobre coração espera
 «Por mim com impaciencia a todo o instante,
 «Que só minha presença é que pudéra
 «Illuminar teu livoido semblante ;
 «Que tu, que de favores me cuitiulas,
 «Me nomeáras prefeito com agrado
 «E Tigellinus guardador de mulas,
 «Para o que pelos deuses foi creado.
 «Mas desculpa-me, Cesar ! Eu te juro
 «Pelos manes de Seneca e Agrippina
 «Que embalde ver-te sem horror procuro :
 «Um invencivel nojo me domina !
 «Passada a juventude, o mundo é findo :

«A vida—série de emoções supremas—
«E' um thesoiro do qual, amando e rindo,
«Já extrahi as mais preciosas gemmas...
«Ha na existencia cousas que eu não posso
«Aturar por mais tempo: é-me impossivel!
«Todas as taças do viver de moço
«Já exgottei num goso inconcebivel.
«Não vás pensar que me affligiu o incendio
«Da orgulhosa cidade das collinas,
«Que cobriste de opprobio e vilipendio
«E transformaste num montão de ruinas.
«Que importa a mim que só produzas mortes,
«Que despedaces corações humanos
«E para as sombras do Erebo deportes
«Os mais conspicuos cidadãos romanos?
«Não! ó neto de Chronos! Outros actos
«Não se podiam esperar de Nero,
«A não ser o extermínio, assassinatos:
«Não! de ti outras cousas não espero!
«Mas, escutar mais annos o teu canto,
«A dura voz de pifano rachado,
«Ver o teu ventre de causar espanto
«Gyrar na dança pyrrhica agitado;
«E ver-te recitar com indecencia
«As estrophes banaes de tua lavra,
«São cousas que eu não posso com paciencia
«Nem mais um dia supportar. Palavra!
«Para livrar-me de torturæ tantas
«Eu vou dormir em purpuras immerso.
«Roma tapa os ouvidos quando cantas
«E chama-te imbecil todo o universo.
«Eu, que tenho apurados os sentidos,
«Por tua causa enrubecer não quero:
«Antes ouvir os rábidos latidos
«Do furioso tricephalo Cerbero!
«Envenena, mas cythara não toques!
«Incendeia cidades, mas não cantes!
«Mata, mas com teus versos não provoques
«Irreprimiveis risos humilhantes!
«Gosa saúde, dá festins de sangue
«A'quelles que, ao te ver, dobram os joelhos:

"ao ver-6"

«—Taes são os votos que eu, Petronio, exangue,
«Faço ao enviar-te os ultimos conselhos...»

Tremem todos ! A carta infunde horror funereo !
Parece que estão vendo um phantasma gorgoneo !...
Menos doeria a Nero a destruição do Imperio
Que essa declaração sincera de Petronio.
O Arbitro da elegancia então estende o braço
Ao esculapio que abre a veia : flue o sangue
Deixando no coxim um mais vermelho traço,
Emquanto Eunicia, que lhe ampara a fronte langue,
Balbucia : «—Senhor, julgaste que eu seria
Capaz de abandonar-te ? Ainda que me fosse
Offerecido o Imperio eu não hesitaria
Em seguir-te. Ao teu lado a morte será doce !»
Nenhum receio agita a inveja das Camenas
Que affronta sem temor do Tartaro o castigo,
É Petronio, abraçando a eburnea flôr de Athenas,
Segreda com ternura extrema :—«Vem commigo...»
E do braço de Eunicia, aberto a um golpe, ardente
O sangue vae manando em fios de escarlata :
A um novo aceno de Petronio, suavemente
Harpejam em surdina as cytharas de prata...
Num timbre festival sôa de manso um hymno
Do rouxinol de Téos, do meigo Anacreonte,
E, languido, a sorrir, o estheta peregrino
Se apoia á loira grega unindo fronte á fronte...

*este é na tén
casa.*

Cala-se a voz dos instrumentos orchestrantes...
Despejam os rythons vinhos de Chypre e Samos.
Os fainulos, de pé, com gestos elegantes,
Servem fructos do Oriente inda a pender dos ramos.
Depois de palestrar alegre e indifferente,
Petronio ordena (porque o vae prostrando o somno)
Que lhe liguem a veia. E dorme calmamente,
Mais feliz do que um rei na velludez do throno !
Ao despertar desata um riso satisfeito,
Um riso de ventura, um riso de delicia,
Vendo serena, reclinada no seu peito,
Como uma grande flôr, a cabeça de Eunicia...
Gorgeiam novamente as cytharas maviosas

Numa leve surdina, em crystallino choro,
Em quanto brandamente as vozes melodiosas
Cantam um hymno que é das Piérides um côro.
Petronio, cada vez mais pallido, sonhando
Aos accordes finaes do cantico apollineo,
Se volta para os seus convivas, elevando
Pela vez derradeira a voz num vaticinio :
—«Meus amigos, deveis reconhecer que finda
Comnosco...» e a sua voz expira num harpejo :
Mas, num supremo esforço, ao seio aperta ainda
A grega esculptural... para morrer num beijo !...

asas de borboleta
Pela sala em silencio agora mergulhada,
—Como um continuo afflar de azas de borboletas—
Da rede d'ouro presa á abobada doirada,
Continúa a cahir a chuva de violetas...

O MEU IDEAL

Meninas, lindas meninas,
Qual de vós é o meu idéal?
A. NOBRE.

Quando a tarde com o halito fumoso
Estende pelos valles e montanhas
Um turbilhão de tunicas extranhas,
De chlamydes de tulle vaporoso ;
E vão fluindo as opalinas fontes
Do ventre mastodontico dos montes,
Num soluçar de limpidos violinos ;
E em côro harpejam as aragens mansas
Como uma chusma de almas de creanças
Murmurando segredos crystallinos ; *repito*
E no beiral dos ninhos
Gorgeiam passarinhos
Como os doirados sonhos fulgurantes,
Os sonhos virginaes
Que passam pelas almas dos amantes
Cantando madrigaes :
—Eu vou scismar no artistico terraço,
Sob a vasta agonia do sol posto,
Vendo as nuvens correrem pelo espaço
Como as gottas de pranto por meu rosto ! ?

E penso então na flôr dos meus desejos,
Na virgem de contornos de alabastro,

Cujo sorriso é um astro
De celicos lampejos,

bon + —Na piedosa Beatriz estremecida
Que ha de atravez dos circulos dantescos
Do torvo inferno tragico da Vida,
Num poema de episodios romanescos,
Levar-me, alegre como as borboletas
No matinal bailado,
Por um fofo caminho de violetas,
A' Gloria de uma alcova de noivado!

Jamais a vi, mas sei que é bella e casta,
Que hei de adoral-a ardente... e basta!
Seu nome? Não o sei! E' um sonho ainda!

bon + E' uma suave illusão fascinadora!
Mas sei que é loura e lindá, muito linda!
Mas sei que é linda e loura, muito loura!
Tem quinze annos apenas: é uma palma
De quinze rosas cujo olor acalma
Todas as dores. Seu cabello, solto
Em anneis aromaticos, revolto
Lhe rola pela espadua alabastrina
Donde se evola dos jasmins o cheiro,
E é fino como os fios da neblina
E longo como os ramos de um salgueiro...
A sua voz de lyrica ternura
Em que suspira um rouxinol dolente
E' melodiosa e cheia de doçura
Como um planger de cythara gemente!

Seus beijos são de mel;
E' a mais perfeita creatura humana:

Casta como Suzanna,
Nobre como Rachel!
A sua bocca é do rubor das rosas,
E o roseo coração,
Quente como o verão,
E' um escrinio de pedras preciosas!

Frouxo

Tem da açucena a mystica pureza,
A candidez de um lirio,
 Collo de cysne, gestos de princeza
 E a pulchritude das visões do Empyreo.
 A redondez das pomas recatadas,
 O talhe da cintura de Aphrodite
 E as regias mãos nevadas
 São o ultimo limite
 Da perfeição sonhada pela mente
 Enfebrecida e ardente
 De visionario artista
 Que planeja uma rutila conquista !

Candidez de lirio e gestos de princeza?

Corpo de estatua ! Joia que irradia !
 Urna de essencias ! Taça de ambrosia !
 Hostia de beijos ! Vaso de primores !
 Bouquet de mimos, de estellares lumes,
 De perolas e flôres,
 De auroras e perfumes !...

Onde estará aquella que procuro,
 Que um dia será minha,
 O liz nivoso e puro,
 Fragil como a andorinha,
 Que embalde chamo, supplice, ajoelhado,
 E em cujo seio niveo e perfumado
 Como um craveiro em flôr,
 Repousarei como num céo aberto :
 —Qual soffrego viajor
 Que, na aridez de um aspero deserto,
 Perseguisse lucifera miragem
 —Um enxame de brilhos deslumbrantes !—
 E no meio da torrida paragem
 Encontrasse um castello de diamantes !

Quando verei o archanjo estremecido
Que o coração espera amargurado,
De lagrimas vestido,
De espinhos coroad !

Ella ha de vir, a lucida chimera...

Guardae, ó Primavera,
Canções e flôres para o meu noivado !

PHRYNIA

E' uma docil menina carinhosa
— Um assombro da esthetica divina! —
De uma sadia carnação de rosa,
Radiosamente loira e alabastrina!

(E' tão ingenua como a borboleta
Que anda a esvoaçar pelas manhãs de gala,
Ora em redor dos tufos de violeta,
Ora entre as moutas de cecêns de opala.

Quando ella fala, a sua voz ridente,
De um timbre docemente crystallino,
E' tão maviosa e musical que a gente
Pensa escutar as notas de um violino...

Si alguém a visse num altar, na igreja,
Julgaria estar vendo a Virgem Santa.
(A estrella do pastor pyrilampeja
Em seu riso que as perolas supplanta.

Quando — aos primeiros raios loirejantes
Do sol que rasga a teia das neblinas —
Ella sae a passeio, as orchestrantes
Patativas entôam cavatinas,

*seraphica do
empyreos?*

Nem uma abelha a melindrar se atreve
Essa visão seraphica do Empyreo,
Alva, mais alva do que a propria neve,
Pura, mais pura do que o proprio lirio!

*Repete esta mesma
phrase i pag. 25*

Agita-se a frondagem do arvoredo
Num jubiloso fremito de gloria,
E as flôres, murmurando-lhe um segredo,
Beijam-lhe a mão assetinada e florea.

Segue-a por tudo um côro de gorgeios.
No valle os melros — menestreis audazes, —
Rendilhando adoraveis galanteios,
Offerecem-lhe ramos de lilazes.

Osculam-n'a as phalenas furtadores,
Causando aos cravos pungitivo ciume.
Quando ella foge do vergel, as flôres
Soltam fundos suspiros de perfume . . .

E' muito meiga e timida. Si um ruido
Escuta, corre, pávida, offegante,
Rasgando nas roseiras o vestido,
Mais veloz do que a celere Atalante.

*Não confessa
azules. Azulino
Sua*

Quando ella, o azuleo ambiente ensandalando,
Péga em dous leques, doudejante e lesta,
Tenho medo que, as azas tatalando,
Vôe e se perca pelo azul em festa !

E' um gosto vel-a cheia de ternura
Amamentando uma boneca slava
De uma expressão de angelica doçura,
Olhos ceruleos, cabelleira flava.

Fala-lhe a rir com a bocca muito rente,
Ao lacteo seio aperta-a com delirio,
E beija-lhe a carinha gracilmente . . .
E' a estrella d'Alva acalentando um lirio!

Quando os meus versos, num enlevo, canta,
E' um rouxinol fazendo a sua prece...
Ás vezes penso:—«Esta menina é a santa
Que num andor de rosas me apparece!»

Chamei-lhe «minha noiva» certo dia:
Ella escondeu as faces esbrazeadas...
A sua alma é uma alegre cotovia
Que anda a ensaiar suavissimas balladas!

Por essa Flôr que vem desabrochando
Cheia do casto aroma da innocencia,
Irei a minha lyra dedilhando
Atravez das batalhas da existencia...

MILAGRE

Em meu batel de velas côr de arminho
E flammulas de seda do Levante,
Eu me perdi no pelago marinho,
Numa sinistra noite fuzilante.

No plumbeo espaço, onde o trovão rugia,
Cobrejavam relampagos trementes,
E, abrindo a guela, o fero mar bramia,
Dos escolhos mostrando os serreos dentes.

Azas pandas, em trepido balouço,
O meu batel pairava, solto e leve,
Sobre a espumea ondulancia do marouço,
Como um giganteo passaro de neve.

X
Então eu quiz, semianime de susto,
Chamar a Virgem, mãe do Lirio loiro,
E murmurei teu nome doce e augusto,
Que é o sacro harpejo de uma lyra d'oiro...
curva
fr

fronzo
Nisto — oh ! milagre ! — emmudeceu o vento,
Affastaram-se as ondas marulhosas,
E flammejou escampo o firmamento
Num incendio de pedras preciosas !

O LEQUE

Quiz fazer um presente delicado
A' Flôr cuja saudade me lancina,
Como compete a um joven namorado
Que adora uma romantica menina.

Amor pelo membro
E dei, com uma phrase carinhosa,
Um leque de varetas de marfim,
Num estojo de seda côn de rosa
Que trescalava a sandalo e benjoim.

No mimo cravejado de diamantes
— Aza subtil de plumas rosicleres, —
Estava escripto em letras rutilantes :
— «Guarda-o com zelo enquanto me quizeres.»

Annos apôs, quando transpuz a porta
Do seu discreto ninho de verão,
Entre flôres, de branco, achei a morta,
Com o leque aberto sobre o coração !

A' HORA DA PARTIDA

Fronte
 Loira, com seu collar de pedras preciosas,
 Assoma a aurora a rir ao belveder de rosas . . .
 A estrella d'Alva, anciosa e tremula, scintilla
 E gradualmente abranda o fogo da pupilla.
 No alto, as nuvens de jaspe, immoveis como tendas,
 São thalamos reaes com baldaquins de rendas . . .
 No espelho matinal do azuleo céo de gala
 Phosphoreiam subtis relampagos de opala.
 Como fluctuantes véos, retalhos de neblinas
 — Ondulancias brumaes das vestes matutinas —
 Se esgarçam, descobrindo a fronte da montanha
 Que o dia — noivo astral — de beijos d'ouro banha.
 Trescalam flôres. Canta o passaredo em festa . . .
 E ah ! que destino o meu ! numa aurora como esta
 Ter cheia de ais a bocca e os olhos rasos de agua !
 — Ais de abrazante amor, pranto de acerba magua !
 Partir ! partir sem ver aquella que amo tanto,
 Aquella que é da vida o derradeiro encanto,
 Que tem candor de liz e aroma de verbena !
 Partir sem lhe apertar a eburnea mão pequena
 — Uma concha floral que para mim encerra
 Os thesoiros do céo e os cabedaes da terra, —
 E' peior que morrer bebendo fél, pregado
 Nos braços de uma cruz, livido e ensanguentado ! . . .

não senti azul
Não sei porque no
campago de opala

Eis-me em frente da alcova azul em que ella mora,
 Do floreo camarim em que se esconde a aurora

Que me floriu a vida e illuminou minh'alma !
Ella dorme, a sonhar, virginalmente calma,
Como a abelha na rosa e a rosa na folhagem . . .
Esta alcova é um sanctuario : ha dentro linda imagem !
Ella dorme e talvez com anjos sonhe ! O archanjo
Por quem, cheio de amor e angustia, a lyra tanjo,
Deve sonhar com o céo, deve sonhar somente
Com diaphanas visões de um brilho opalescente !
Talvez sua alma envolta em limpidos luares,
Vestida de clarões e raios estellares,
Corra, — as azas de luz abrindo, alvas e bellas, —
As ilhas de crystal flammante das estrellas !
Como ha de ser risonho o somno d'ella ! Um lirio
Não dorme assim, não dorme ! E' um somno azul do Empyreo !
Como doce ha de ser o arfar daquelle seio
Que no alvor dos lençóes se oculta com receio
(A estrella d'Alva é assim !) da propria luz, das flôres
Que lhe dão por um beijo uma amphora de olores !
Ah ! quem me déra ver o candido abandono
Dessa estrella que dorme um crystallino somno
Entre nuvens de arminho e ramos de violeta !
Não dorme assim, não dorme, a ingenua borboleta
No collo da papoula . . . O somno da innocencia
E' um vôo para o céo numa espiral de essencia . . .
Como deve encantar a sua formosura
Na quietude da alcova ainda meio escura,
— O cabello a envolver o torso de alabastro,
Nos labios de carmim uma scentelha de astro,
As mãos cruzadas sobre o seio que palpita
Como o lago que um cysne, alçando o collo, agita !
Dorme . . . Sôa de manso o anhelito divino
Como um cicio doce e tenue de violino . . .
Ella dorme feliz, sonhando e rindo, emquanto
Dos meus olhos deriva amargamente o pranto !
Ah ! si eu pudesse vel-a embora um só momento !
Um minuto que fosse ! um só ! . . . Si o meu lamento
Ella ouvisse, talvez meu choro a commovesse
E á janella, um instante embora, apparecesse !
Talvez aquelle rosto encantador e amado,
Pela aurora boreal do amor illuminado,
Inda uma vez eu visse ! inda uma vez ! e ainda,

Vendo aquella feição radiosamente linda,
 Eu pudesse exclamar: — «Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!
 «Com uma phrase enxuga o pranto que derramo
 «Para orvalhar-te as mãos que são preciosas flôres !
 «Desprende o teu cabello e inunda-me de olores !
 «Põe um favo de mel na minha negra taça !
 «Faze-me um astro rir nas trevas da desgraça !
 «Vou padecer demais longe de ti ! Por certo
 «Se fecha para sempre o céo que eu via perto !
 «Concede-me um olhar, concede-me um sorriso
 «Para eu dizer no Inferno:— «Eu vim do Paraizo !»—
 E ella que é de Maria a filha predilecta,
 Que no seio agasalha a fragil borboleta
 Que encontra a congelar no berço de uma rosa,
 Talvez chorasse ouvindo a minha voz chorosa !
 Talvez se enternecesse ouvindo as minhas penas !
 Si ella por mim chorasse ! . . . uma lagrima apenas ! . . .
 — Uma gotta de orvalho argentea e pequenina
 Tremendo no beiral da palpebra divina . . .
 Uma gemma . . . um diamante . . . um rutilo pingente
 A luzir, a luzir miraculosamente . . .
 Minh'alma iria ao céo nessa gotta de pranto,
 Triumhalmente ! . . .

bom
 X

Mas, não ! eu não aspiro tanto !
 Bastava-me um «adeus» daquelle voz tão doce,
 Tão cheia de ternura e mel como si fosse
 A voz de um rouxinol cantando na agonia ! . . .

X

Mas, ai ! não a verei ! Ella repousa. E o dia,
 Como um imperador, do throno do Levante,
 Sob um amplo docel de purpura brilhante,
 Pompeando á fronte o sol como um diadema d'oiro,
 Dos fulvos raios jorra o torrencial thesoiro . . .
 Chegou, enfim, o instante horrifíco, medonho !

Adeus, mulher querida ! Adeus, extremo sonho ! . . .

A ROSEIRA

No jardim de Violeta, á despedida,
Plantei, num vaso d'ouro, uma roseira,
E, captivando a sua mão querida,
Disse num tom de magua verdadeira :

«Em quanto o amor com seu sublime encanto
«Te encher o olhar de lagrimas preciosas,
«Que esta roseira, que de joelhos planto,
«Traga sempre uma tunica de rosas...

Andei por longes terras levantinas,
Guardando n alma — escrinio de saudades,—
Da sua voz as notas crystallinas,
Do seu olhar as doces claridades.

Quando volvi ao meu paiz risonho
Todo o jardim de flôres se cobria :
Mas na roseira do meu lindo sonho
(Pobre de mim !), nem um botão havia !

REMINISCENCIAS

Fui ha dias rever o sitio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar meu coração ancioso
Como outr'ora escutando o ruido dos teus passos.

A lua, lampejando em lagrimas acceza,
Desfiava em pleno azul o mystico rosario,
Diffundindo por tudo a agonica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvario.

Todo o jardim estava em flôr como o deixámos,
Mas pairava por tudo um grande desconforto.
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto !

O orvalho, que afogava as brancas açucenas,
Luzia como o pranto em palpebras humanas.
Os cravos, espalmando as petalas serenas,
Tinham a côr triumphal das purpuras romanas.

O jasmíneiro abria os flócculos de neve
Como um solto collar de congelados beijos . . .
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os ultimos harpejos !

Do velludo oriental das melindrosas flôres,
Da bocca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um halito de olores,
Uma fluida espiral de essencias vaporosas.

A rosa do Japão, que, ao léo, estremecia
A' brisa mais subtil que um sopro de creança,
Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso á ponta de uma lança !

Os effluvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem uma igreja as vaporaes de incenso.
Havia no mexer de cada mobil palma
As maguas que no adeus sacode ao longe um lenço...

E atroz recordaçao dos claros dias idos
— Mar em que o meu batel não encontrava escolhos —
A' bocca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos ! . .

Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me déste em horas de delirio !
Não te recordas mais ? Sorria em flôr Setembro . . .
Pobre sonho ! não teve a duraçao de um lirio !

CONSOLADO

Nunca mais te ouvirei as allicitantes falas,
 Branco cysne taful,
 Nem terei o hydromel dos beijos com que embalas
 A alma num berço azul !

Nunca mais te unirei ao peito em doce abraço
 Sob os astraes pharóes !
 O meu castello veiu abajo num fracasso
 De estrellas e de sóes.

Tudo está findo, tudo ! Adeus, miragem linda !
 Adeus, loira illusão !
 Adeus... porque hei de amar em breve outras ainda...
 Não morre o coração ...

Quantas mulheres tenho amado ! Quinze ou vinte !
 Só vinte ? Muito mais !
 E todas, como tu, brilharam num requinte
 De graças virginæs.

Nathalia, Dulce, Esther, Lavinia, Fulvia, Ophelia
 — Flôres do meu jardim —
 De boccas de papoula e collos de camelia
 E pomas de jasmim ...

Bem

Primeiramente amei uma mulher por anno,
Depois — uma por mez,
E a todas consagrei o mesmo affecto insano :
A ti maior, talvez . . .

Quem perde uma illusão ridente nada perde :
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões !

Entre os meus deuses
Franziska, como morta
alexandrina por

S O'

Avança lentamente o prestito da Noite,
A treva ondula desdobrando véos mortuarios.
A rajada, que vibra o sibilante açoite,
Povoa o espaço de soluções funerarios.

Preso na escuridão deste aposento mudo,
Escuto vozes funeraes, prantos doridos . . .
Como soffro! Minh'alma é um lirio de velludo
Que se desfolha em melancolicos gemidos !

A's vezes, como um ai de sangue, de repente
Surge, entre nuvens, a veronica da lua,
E, entre nevoas, de prompto, oculta o disco algente,
Da extrema restea recolhendo a espada nua.

Que frio siberiano as carnes me congela !
Que sorte hedionda me encarcera e me acorrenta
Neste exilio feral onde essa imagem bella
Não me sorri, não me conforta, não me alenta !

Quanto me dóe ouvir o flebil murmurinho
Das casuarinas, num assalto de desejos,
Sem ti, sem teu amor, sem teu olhar, sosinho,
Sem teu calor, sem teu perfume, sem teus beijos !

Quem me déra, no horror desta noite de Julho,
Ver-te ao meu lado, como outr'ora, suave e langue,
Com brados de alegria abafando o marulho
Dos vagalhões atropellados do meu sangue !

Quem me déra cingir-te o corpo alabastrino
De nympha grega com as algemas dos meus braços,
E da bocca arrancar-te um cantico divino
Pedindo beijos, supplicando mais abraços !

Ah ! si eu pudesse, haurindo o teu aroma ebriante,
Colher um lirio no jardim desse alvo collo,
E enrolar-me no vèo do teu cabello ondeante
Como no linho dos lençóes em que me enrolo ! . . .

Mas preciso calar o coração que chora,
Porque estás longe, em terra estranha, em outro clima...
Como é triste sonhar nas trevas com a aurora !
Que desventura pôde haver que mais opprima ?

E a Noite, que caminha, estuga o passo aereo,
E a nevoa cresce, e o vento ullula, e o frio corta,
Emquanto eu abro nalma — eterno cemiterio —
A sepultura da esperança ha muito morta ! . . .

IMMORTAL

Na gelada necropole do Olvido,
Onde jazem aquellas que adorei,
Quiz sepultar o archanjo estremecido
Que tanta vez nos braços apertei !

*Porque veio
esquecer*

Dentro de uma sombria sepultura,
Amortalhada num espumeo véo,
Colloquei-a calcando a terra dura
Sobre o pequeno esquife côr do céo.

Mas — oh ! destino infando ! — nesse instante,
Sacudindo a mortalha no caixão,
Como a filha de Jairo, deslumbrante
Ella se ergueu envolta num clarão ! . . .

Debalde heroico, o choro da alma ouvindo,
Enterro-a e digo : — «Até que emfim, Senhor !»
Ella abandona o tumulo, sorrindo,
Resuscitada pelo meu amor !

HORAS DE SONHO

Todos os dias, quando o sol empallidece
E expira em prantos d'oiro, amortalhado em rosas,
A minh'alma suspira, a minh'alma estremece,
Procurando abraçar figuras vaporosas !

Subo ao mirante e só, haurindo o cheiro intenso
Dos laranjaes em flôr, trazido pela aragem,
Embebo no horizonte um mesto olhar immenso,
A sonhar, a sonhar com feminina imagem !

De manso extranha magua o coração me invade
Por me sentir tão só ! tão só ! . . . Então padeço,
E enche-me os olhos de agua uma cruel saudade
De alguem que eu nunca vi, de alguem que eu não conheço !

Para me distrahir, fumo de instante a instante,
Seguindo a ondulaçao do fumo no ar perdido :
Mas até nesse frouxo e brumeo véo fluctuante
Parece-me que vejo as rendas de um vestido !

Agita-me um desejo avassallante e forte
De amar alguem que seja a flôr das criaturas,
Com um amor capaz de me trazer a morte,
Para servir de exemplo ás gerações futuras !

Lirial menina
+ +

Abraza-me uma febre, uma vontade ardente
De apertar contra o seio uma lirial menina
E beijar silenciosa e apaixonadamente
A sua bocca em flôr, vermelha e pequenina !

Rim: febre
+ +

E sonho... Ouço uma voz que balbucia a medo...
Queixumes de mulher ungidos de meiguice...
E palavras de amor ciciadas em segredo,
E phrases celestiaes que nunca ninguem disse !

Rim: febre
+ +

Não sei donde me vem, como um presente d'oiro,
Um delicado, um fino aroma de violeta...
Não, não é de violeta: é de um cabello loiro !
E' o perfume subtil das tranças de Julieta !...

E, só, meu coração plange como uma lyra,
Até que a noite esfolha os goivos da tristeza,
E a estrella do pastor fulgura qual saphyra
Na lactea velludez de um collo de princeza...

A SAUDADE

A saudade é um fugaz aroma de violetas . . .

E. DE CASTRO.

No discreto jardim, entre floraes caçoulas,
Fitando o Occaso, que era um campo de papoulas,
Eu meditava ao pé do repuxo orvalhante
Que faz de um pingo de agua um rutilo diamante,
Arrancando do seio um lamento dorido
Como de uma harpa d'ouro um musico gemido . . .
Sangrando de tristeza, em lagrimas boiando,
Meu coração pulsava exulcerado quando
Descubro uma mulher vestida de violetas
Que exhalam, entreabrindo as roxas caçoletas,
Um perfume subtil de sonhos desfolhados . . .
São astros a chorar seus olhos angustiados,
Seus olhos tristes como as horas de agonia !
Tem ares de Belkiss e feições de Maria ;
O seu leve rumor, que é magica surdina,
Parece o sussurrar da aragem vespertina
Brincando entre jasmins . . . Contempro-a embevecido.
Nisto a excelsa visão, num harmonioso ruido,
Pousa em meu hombro a mão de nitido alabastro
Onde chispam anneis de fulvos brilhos de astro,
E muda, — como quem, num dia de amargura,
Colloca uma corôa em uma sepultura, —
Desata sobre mim o seu cabello loiro +
Como um choro estellar jorrando em fios d'ouro . . .

*Amor
pulso*

azulea, nra.

— «Quem és tu? — perguntei: — archanjo, deusa ou fada?
 «De que azulea mansão, de que auroral morada
 «Vieste? Dize, visão talvez do céo descida
 «Para levar-me á astral Jerusalém querida!
 — «Eu sou a divindade a que tu rendes culto,
 «— Volveu-me a apparição: — do teu olhar me occulto
 «Para não avivar dessa alma ardente as dores
 «— Um ramo que perdeu inda em botão as flôres...
 «Sou a deusa do altar cujas imagens bellas
 «São aquellas que amaste, as candidas donzellias
 «Que passaram por ti cobrindo-te de rosas,
 «Fazendo-te sonhar cousas maravilhosas:
 «Cidades de crystal de athenica belleza,
 «Castellos d'ouro e prata e porphyro e turqueza
 «Por diaphanos vitraes bebendo claridade
 «E desafiando o Azul com seus torreões de jade!
 «São aquellas que out'ora, em versos rendilhados,
 «Vestiste de oiropeis, de purpura e brocados,
 «De espumeos brocateis, de arcoirisadas lhamas,
 «De escumilhas brumaes e vaporosas tramas,
 «E cujo eburneo collo, — alvo como a innocencia
 «De um bogari que encerra uma amphora de olencia, —
 «Cobriste de rocaes de perolas radiantes,
 «— Dessas que saem da alma em chuvas scintillantes...

*Portas apenadas
brocadas.*

«Quando na solidão, cheio de desconforto,
 «Evocas as visões de um grande sonho morto,
 «Eu faço desfilar pela tua alma em fóra
 «As humanas cecêns de voz de mel, sonora,
 «Fórmas de jaspe, olhar de seda, bocca breve,
 «Dos seios a pompear o lindo par de neve!
 «Brancos lirios do céo! Creanças adoraveis!
 «Auroras virginaes de dias ineffaveis!

Formas

«A' hora em que se fecha o malmequer do Poente,
 «E as sombras vesperaes vão silenciosamente
 «Subindo em ronda alada a ravina dos montes
 «Donde deriva o pranto opalico das fontes,
 «E em que a magua abemola o canto dos pastores
 «E palpita em segredo o coração das flôres;
 «A' hora em que o planger das virações nas franças

Formas

«Tem a suave inflexão das vozes das creanças,
«E entre finos frouxeis, na tepidez do ninho,
«Balbucia a oração da tarde o passarinho ;
«Ness' hora de um ferir de setta cariciosa
«Em que a primeira estrella, ingenua e vergonhosa,
«Apparece a tremer, baixando o olhar doirado,
«Como a noiva ao entrar na alcova do noivado :
«— Eu te levo ao meu templo eternamente aberto
«Onde de encontro ao seio immaculo te aperto,
«Mostrando-te uma a uma as formosas imagens
«Que te enlevaram como um brilho de miragens,
«Deixando-te a gemer no Golgotha da Vida,
«Vendo esfumar-se ao longe a Terra Promettida ! . . .

Com passos de velludo a Noite vinha. Ardia
Na amplitude do céo a esparsa pedraria.
E com o estemma irial de branda claridade
O vulto feminil da mystica Saudade,
Que em rimas crystallisa as lagrimas dos poetas,
Affastou-se deixando um rastro de violetas . . .

*Amor lírio, frim
+ il ut. bon impre
sado.*

7
-7

DOUS AMORES

Um duplo e grande amor me abraza e me allucina
 E me faz suspirar por servidos abraços :
 Adoro uma Phrynéa e uma gentil menina,
 E tenho o coração partido em dous pedaços !

Quando vejo a Rachel quero ver outra logo,
 E a que está longe chamo em delirantes brados,
 E não posso romper as cadeias de fogo
 Que com forças eguaes me prendem de dous lados.

Como um naufrago, lucto entre parceis, sem norte,
 E entre os dous polos ardo em padecer eterno !
 Uma é a visão da Vida, outra é a visão da Morte !
 Uma desceu do Céo, outra subiu do Inferno !

Si pela mão direita o archanjo me segura,
 Logo o genio do Mal por outra mão me péga,
 E minh'alma, a tremer, fica na noite escura,
 Vacillando, a tactear, como uma pomba cega !

Uma é a docil Beatriz a cujos pés eu caio,
 Outra a diva pagã, a voluptuosa hetere ;
 O riso de uma é um astro, o riso de outra é um raio ;
 Um illumina e aquece, outro atordôa e fere,

Uma escuta o estridor da borrascosa tromba
Pedindo á Virgem Mãe que a ampare por piedade,
Outra affronta o cyclone e dos perigos zomba
Com sorrisos triumphaes de ardente claridade.

A primeira aprecia as harpas, os violinos,
A lyra, o cravo, o piano e a cythara sonora,
Os enxames de sons ethereos, crystallinos,
Que parecem sahir da bocca de uma aurora !

Aprecia as canções, as lyricas sonatas,
Que são torrentes de ais de uma alma lacrimosa,
As vibrações subtis, arias, mandolinatas,
Palestrina, Mozart, Bellini e Cimarosa.

A segunda prefere as musicas de guerra,
A fanfarra marcial de bellicos fragores,
A trombeta, o clarim, o pifano que berra,
O cymbalo, o atabale, os sistros e os tambores ;

Apraz-lhe mais ouvir as marchas militares,
Os rufos de um adufe e os sons das castanholas
Que estridulosamente, em chocahntes pares,
Cascavelam febris nas mãos das hespanholas.

Os olhos de uma têm a luminosidade
De uma aurora de Abril cheia de pombas mansas,
São quietos lagos onde em viva alacridade
Em bateis de crystal passeiam esperanças...

Os olhos de outra, sob os lugubres presagios
Das sobrancelhas, são Estyges pavorosas
Feitas para colher, na angustia dos naufragios,
Dos sonhos juvenis as lindas naus pomposas !

Uma adora os jasmins de acariciante aroma,
As violetas, que são o seu maior thesoiro,
E os lirios côr de luz que prende á flava coma
— Borboletas dormindo em uma nuvem d'oiro...

a dhalia

Outra — a dhalia, a papoula, a rosa que embalsama
Todo um templo, ostentando as graças coloridas,
E os cravos purpuraes de petalas de chamma,
Que são os corações das mortas Margaridas.

De uma o cabello crespo é uma aloirada sombra,
Outra nas tranças tem os nocturnaes negrores.
O collo da primeira é uma cheirosa alfombra,
O collo da segunda é um espinhal com flôres.

A primeira é a creança ingenua e alabastrina,
Um sonho de Murillo, um typo de aquarella,
A vaporosa Ophelia, a castellã franzina,
Gracilmente lirial e lirialmente bella !

noi jortei

A segunda é uma flôr carnívora e robusta
Que seduz com o perfume e com os espinhos mata,
A sumptuosa Laís de uma alma de Locusta,
A Poppéa fatal de instintos de pirata.

Uma no coração precioso tem myriades
De estrellas e o pudor da bíblica Suzanna,
Outra — a crueza atroz da barbara Herodiades
Que fez calar de João a lingua soberana.

Uma é pudica e tem um ar de quem padece,
Outra — de uma amazona o arrojo formidando.
A voz de uma recorda uma serena prece,
A voz de outra recorda um grito de commando.

Uma faz orações, outra solta blasphemias,
Uma attrae com a bondade, outra com as fórmulas nuas.
Os seios de uma são duas estrellas gemeas,
Os seios de outra são duas marfíneas luas...

Assim, vivo a luchar sem calma, a todo instante,
Com este duplo amor, numa ancia sem limite,
Entre a meiga Vestal e a perfida Bacchante,
Entre a Virgem Maria e Venus Aphrodite !

LEDA

Só, na mudez clustral da camara discreta,
Triste, eu pensava em Leda... Uma angustia secreta
Abalava-me todo, exulcerante e forte,
Como abala um arbusto o furacão do norte;
E, fóra, o inverno, que é da terra o pesadelo,
Chorava aperolando as lagrimas de gelo...

Sobre a mesa, onde estudo e onde escrevera os versos
Que relia em segredo, olhos em pranto immersos,
— Estrophes onde aquella inolvidavel morta,
Cuja saudade ainda o coração me corta,
Fulgura para sempre envolta em brilhos d'ouro
Como em nicho de prata um lindo archanjo loiro; —

Sobre a mesa, onde havia aljofares de pranto,
Eu abrira de novo o floreo escrinio santo
Onde — tempo feliz! — eu, cheio de cautela,
Guardava, ébrio de amor, tudo o que vinha della:
Bilhetes aromaes, velinos perfumados,
Folhas de malva, um leque e outros mimos sagrados.

De tudo se evolava uma espiral de essencia,
Um halito floral, uma sombra de olencia,
Como de um coração um intimo queixume
Quando a saudade accende o crystallino lume!
E, como outr'ora, eu via o lotus de virtude
Da ophelica belleza em toda a plenitude.

*É muito fundo o amor
que não tem cor, esp
rimento que não pode dar
formas.*

Tinha presente alli o angelico retrato
 Que ella, ainda creança ingenua, com recato
 Me déra, a palpitar, em hora de ternura :
 Era a mesma feição de uma radiante alvura !
 Era a graça de Abril na candidez de um lirio !
 Por isso eu a adorei com febre e com delirio !

hem

E, ao pensar na cecêm de mystica fragrancia
 Que amei desde a manhã edenica da infancia
 Até á hora fatal em que a tragou a cova,
 Sinto que a minha dôr acerba se renova !
 E, para o céo erguendo os lacrimantes olhos,
 Fiz esta invocação tristissima, de giolhos :

«— Alma que habitas hoje a patria azul da Gloria,
 «Livre das provações da humana trajectoria,
 «Colhendo nos jardins de luz do Paraizo
 «Corôas de jasmins da côr do teu sorriso ;
 «Alma que tanto amei, alma impolluta e linda,
 «Recorda-te de mim que te amo tanto ainda !

«Tu que foste no mundo o meu supremo sonho,
 «A estrella do meu céo, o meu idéal risonho,
 «O meu excenso orgulho, a fonte em que eu bebia
 «Urnas de inspiração, amphoras de alegria ;
 «Tu que punhas no olhar clarões de plenilunio
 «Para me illuminar nos dias de infortunio ;

«Tu que com as roseas mãos banias meu desgosto
 «Enxugando-me sempre as lagrimas do rosto,
 «E trazias minh'alma, a rir matinalmente,
 «Dentro do hostiario azul de uma illusão ridente,
 «— Deixa por um momento a Bemaventurança
 «E vem dar-me num beijo um raio de esperança !

«Escuta o meu gemido ! Escuta a minha prece !
 «Deixa um instante o Céo ! Desce do Empyreo ! Desce !
 «Meu anjo tutelar, minha noiva querida,
 «Attende ! attende ! Traze um balsamo á ferida
 «Cancerosa que esconde a padecer sem calma !
 «Tem piedade de mim ! Tem pena de minh'alma !

«Não ouves os meus aís? Não vês como padeço?
 «Não te lembras de mim que de ti não me esqueço?
 «Em vão levanto ancioso os braços anhelantes
 «Para esse corpo idéal, que eu apertava dantes,
 «Bebendo o teu aroma, entre osculos de braza
 «Cujo rumor lembrava um brando ruflo de aza!

«Não vês como, alta noite, a soluçar, procuro
 «Por ti, que estás tão longe! e, soffrego, murmuro
 «Teu nome que é um perfume ethereo de violeta? X
 «Si não tens azas, pede a alguma borboleta X
 «Que t'as empreste: assim tu chegarás mais cedo
 «Para me consolar neste aspero degredo!

«Alma adorada e pulchra, alma adorada e branca,
 «Apparece uma vez! só uma vez! Arranca
 «Os espinhos que estão cravados no meu peito!
 «Espirito querido, spirito perfeito,
 «Ouve as notas febris e mestas dos meus hymnos) +
 «Cheios de angustia como um choro de violinos! . X

«Si é dado a quem partiu desta mansão de dores
 «Volver á terra ingrata onde plantou mil flôres,
 «Presta ouvido ao clamor de um misero que chora!
 «Deixa a Estancia onde a vida é uma irisada aurora,
 «E vem, astro de amor, com toda a claridade,
 «Brilhar num coração que morre de saudade!...» —

Nisto, perto de mim, que soffro e choro ainda,
 Vislumbro uma figura extranhamente linda
 Numa ondulancia azul de luminosa bruma,
 Que tudo em derredor enluara e perfuma;
 E duas mãos de jaspe, e duas mãos pequenas
 Destacam-se á feição de fluidas açucenas...

De linha em linha, um rosto idéal, que me deslumbra,
 Alveja gracilmente em meio da penumbra
 — Um rosto angelical que um nimbo d'ouro envolve.
 E a diaphana visão, que o meigo olhar me move,
 Aos poucos se transmuda, aos poucos se transforma,
 E claramente assume a feminina fórmula.

Circundam-lhe o recacho as vestes ondulantes
 Que lhe cáem aos pés em folhos neblinantes,
 Cobertas de botões de gemmas incendiadas
 E pulverisações de estrellas trituradas.
 Pelo esplendor astral que a fronte lhe reveste,
 Vê-se que ella baixou da habitação celeste.

O seu loiro cabello ondeante se desata
 Em mobéis caracões, em fulgida cascata
 Pelos hombros de estatua eburnea que caminha
 Com o donaire do cysne e a graça da andorinha.
 O riso que lhe assoma á bocca perfumosa
 E' uma gotta de luz ardendo numa rosa . . .

— «Leda ! Leda !» — aos seus pés cahindo, balbucio :
 Ella, que vê desta alma o pelago sombrio,
 Roçando sem rumor o tapete, deslisa
 Como quem, a sonhar, sofez de nuvens pisa,
 E, beijando-me a fronte e apertando-me ao seio,
 Fala-me numa voz mais doce que um gorgorio :

— «Julgas que te esqueci ? Quando a alma fugitiva
 «Sa e da torre de argilla em que viveu captiva,
 «Leva, como uma sombra, uma eternal saudade
 «Que a segue pelo azul sem fim da Immensidade
 «E a faz — pomba veloz que entre as estrellas erra —
 «Volver o olhar a tudo o que adorou na terra.

«A alma conserva sempre o santo relicario
 «Das affeições, e guarda em lucido ementario
 «De paginas de luz — recordações de tudo :
 «De um beijo, de um olhar, de uns braços de velludo,
 «De um sitio, de uma flôr, de uma subtil fragrancia,
 «De um lenço a sacudir adeuses á distancia !

«Desde que desatei os liames da materia
 «E tomei esta fórmâa impalpavel, etherea,
 «Pensa s que se acabou o amor que eu te votava
 «E que me transformou em tua meiga escrava :
 «No emtanto quanta vez o proprio seio firo
 «Ouvindo a invocação que fazes num suspiro !

«Quando dormes, ao pé de ti, calada, velo,
«Apertando-te as mãos, beijando-te o cabello
«Com ternura de irmã e carinho de noiva ;
«Com um sopro dissipo a nevoa que te engoiva
«A fronte, a qual, outr'ora, a permutar blandicias,
«Eu velludosamente enchia de caricias !

blandicias e caricias sôs synonymos

«Nas noites hybernaes, de um frio que congela,
«Quando a brusca rajada, escancarando a guela,
«Pragueja fóra como um Hercules possesso,
«Eu do cabello faço um manto fofo e espesso
«Para cobrir-te, e insufflo um pouco de quentura
«Nesse corpo que soffre a mais cruel tortura.

«Si estás enfermo, então — solicita enfermeira —
«Dias e dias passo á tua cabeceira
«Como uma borboleta ao pé de um lirio doente !
«E com fervor supplico ao Deus Omnipotente
«Que aclare os olhos teus — olhos de negros cílios
«Que já foram dous sôes illuminando idyllios ! . . .

«Num plausto de crystal puxado por dous sonhos,
«Eu ascendo comtigo aos paramos risonhos
«Onde sôa a harmonia orpheica das espheras,
«Que tremeluzem como enxames de chimeras,
«Gyrando na amplidão, no circulo traçado
«Para as evoluções do sideral bailado.

«De outros mundos te mostro a iriante maravilha
«Em quanto, muito acima, o sol flammante brilha
«Contemplando em redor as estrellas de rastros
«— Nabuchodonosor da Babylonia de astros . . .
«E penetras assim em reinos deslumbrantes
«Onde ha mares de mel e serras de diamantes !

«Quando a sós, no cairel de hiante precipicio, *Foras*
«Estás a resvalar, de prompto, sem bulicio,
«Eu acudo e te amparo ás bordas da voragem ;
«E pela asperidão dantesca da paragem
«Eu caminho ao teu lado, entre alcantis a prumo,
«Durante a viagem toda a dirigir-te o rumo.

«Não ouves, muita vez, no rugitar do vento
«Um grito de agonia, um funebre lamento
«De uma lyra a planger? Sou eu que, visitando
«Este canto da terra em que viví amando,
«Pranteio sobre o pó de uma illusão saudosa
«Que a morte desfolhou como um botão de rosa! ...

«Mas desponta a manhã. Chama-me o olhar da aurora.
«Não chores mais! Espera! Eu te amo como outr'ora!
«Vou para o Céo... Adeus!...» — Disse num leve harpejo,
E, dando-me na fronte o derradeiro beijo,
Evaporou-se ...

Nesse instante, em gloria, o dia
A' porta de coral do Oriente apparecia ...

AQUARELLAS

1872

O ARANHOL

Entre bromelias, junto á querula torrente
Que do plaino em que habito um longo tracto banha,
Num continuo labor, uma operosa aranha
Fia o rico enxoal de noiva, subtilmente.

O tecido brumal, que nunca se emmaranha,
E' feito de um só fio, um tenue fio albente,
Que vae, de volta em volta, ininterruptamente,
Tramando o brocatel de contextura extranha...

Verifica
Quando o sol se levanta enviando olhares d'oiro
E a aranha, distendendo a fibra, no thesoiro
Da renda leve embala as illusões radiosas,

Fouzo
Na teia, que, filtrando orvalho, oscilla e pende,
A luz, que se refrange em cada gotta, accende
Uma aurora boreal de pedras preciosas !

A CONCHA

E' oriunda do Mar Jonio. Entre as areias de ouro
Da praia, — onde, espumando, a vaga de saphyra
Guirlandas de coraes e algas em feixe atira, —
Achei-a e guardo-a como o avaro o seu thesouro. +

*6º mto bonito
muito vers.*
Seu murmúrio parece ora o rumor de um choro,
Ora o mesto planger de uma queixosa lyra !
Entre as valvas, sangrando, um coração suspira
Pela amplitude azul do equoreo sumidouro...

Ouvindo-a, eu me transporto á liquida morada
Das nereides, e vejo Amphitrite puxada
Na grande concha irlal de fulgidos matizes ;

Beleza !
Vejo delphins, tritões, nymphas de pomas cheias,
E escuto a doce voz das ultimas sereias
E o profundo clamor dos nautas infelizes !

AS ESTATUAS

No jardim do castello, em magestosa fila,
Quedam marmoreamente as estatuas radiantes ;
O orvalho matinal, que, rutilo, scintilla,
A' cabeça lhes forma estemmas de brilhantes.

São os filhos da Grecia heroica. Entre bacchantes,
Sílano empunha a taça e Minerva, tranquilla,
A égide oppõe a Amor, que as settas coruscantes
Da aljava arranca, sempre em vão, para feril-a.

Riem nymphas gentis de olhos claros, serenos,
E scisma Apollo, o deus que em epocha remota
Dominou gerações e gerações de hellenos!

E Adonis, cujo olhar não ha pincel que imite,
Conserva na pupilla eternamente immota
A nostalgia azul dos tempos de Aphrodite . . .

Nostalgia i' sonhos do Retiro, e saudade
curtindo-se representar com o roxo e o
azul

AURORA

*Não compre-
hendo, demais
a treva numba
deixo a furna.*

Lento e lento, começa a migração da treva
Que deixa um rastro côr de cinza em cada furna,
E gradualmente rompe a grande paz nocturna
O rumor que da terra aberta em flôr se eleva.

?

Dos colibris acorda a iriada e plumea leva,
Pelos jardins bebendo aromas de urna em urna.
A jalde luz, que enxota as sombras da cafurna,
Nas nuvens pinturisa um arrebol que enleva.

*Não me pare
a bem - flôres
antes flôres*

Sob um arco triumphal de flavescentes flôres,
Surge a Aurora sorrindo archangelicamente,
Solto o cabello astral de flavos esplendores;

E a estrella da manhã, de um resplendor de gala,
Palpita no seu collo, illuminando o Oriente,
Como num seio de oiro um coração de opala . . .

*Mesmo o pôr: quando nasce a aurora
não é a estrella da manhã que ilu-
mina o Oriente, mas a própria aurora,
cuja luz sobrepuja a do sol da
mañana.*

A AGUIA

Azas de ponta a ponta abertas no Infinito,
Quasi roçando o Azul, já das estrellas rente,
A aguia, no surto audaz, como os titans do mytho,
Tenta escalar o Céo, fitando o sol de frente.

E, sussurrando, solta o bellicoso grito,
Que é a nota de um clarim vibrando heroicamente,
Quando, vermelho, o sol, o leão flammierinito,
Rola, sangrando luz, no boqueirão do Poente.

No ventre dos bulcões, onde se apinhram raios,
Crava as garras de ferro e entre as nuvens marinha,
Indo as azas fechar nos cimos himalayos.

E, acima do homem vil, que anda a gemer de rastros,
No pinaculo dorme o sonno de rainha,
Tendo por throno — a Terra, e por diadema — os astros!

VENEZA

A uma veneziana

Recordo
Nos teus olhos astraes de um brilho de turqueza,
Que ás horas do sol posto a nostalgia empanna,
Como no Golpho azul, retrata-se a Veneza
Dos tempos medievaes, sumptuosa e soberana.

Julie
O Adriatico ondula e a vaga espuma... Ufana,
Passeia oblonga nau latina com nobreza,
Nas praças e canaes a vida veneziana
Circula como o sangue em veias de princeza... *Em evitaria certe nos*

Esses olhos sem par encerram maravilhas !
Mirantes, cathedraes, castellos, parques, ilhas
E palacios ducaes, — tudo nelles se espelha !

Tudo : o mar onde um barco assoma e um outro foge,
E os bronzes, e os paineis, e as gondolas, e o Doge
Envolto na triumphal dalmatica vermelha !

MARINHA

Azas soltas á luz que os amplos céos alaga,
Vôam garças reaes de alvinitentes plumas.
A aragem, que palpita, acariciando a vaga,
Murmurinha de leve entre frouxeis de espumas.

Arrogantes galeões de velas côr das brumas
Manobram, mar a dentro, em rumo de aurea plaga.
Boiam conchas de opala e de orlas tyrias: umas
De voz mansa de idyllio, outras de voz presaga.

Um mareante senil, que o estranho clima tosta,
Contempla a soluçar, de um penhasco da costa,
Os espumeos lençóes que a mareta desfralda.

E no occaso, o diadema em chispas agitando,
Expira o sol, num beijo olympico arrancando
Aos glaucos vagalhões coriscos de esmeralda...

CLEOPATRA

Mar a dentro
Sob o pallio de um céo broslado de cambiantes,
A galera real, de tyrias velas tezas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Mar no Teu cor
Sob um docel de byssو, entre espiraes ebriantes
De incenso, a esculptural princeza das princezas
Scisma... Remos de prata, á flôr das correntezas,
Deixam mobeis jardins de bolhas trepidantes...

Soluçam harpas d'oiro ás mãos de ancillas bellas;
Branda aragem enfuna a purpura das velas
E á tono da agua alveja um espumoso friso.

+ +
E a Nayade do Egypto, ao ver a frota ingente
De Marco Antonio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...

*For quem promovê a fuz em fuga na
batida detomis.*

CELIA

*Anjo aqui de
canto novo mundo*

E' meiga como Ruth e loira como Ophelia
E tem uma expressão de Mater Dolorosa !
No entanto é alegre como uma andorinha ! Impelle-a
Para o folguedo a sua edade descuidosa.

O seu nome do céo tão bem lhe fica — Celia !
Assume um ar de mãe feliz quando, amorosa,
Carrega uma boneca alva como camelia
— Uma aurora embalando o sonno de uma rosa . . .

Quando a boneca chora, a mãe, que se desvela,
Acalentando-a, canta uma canção tão bella
Que a gente cuida estar cantando um coração !

Com mãos de seda amima a filha impertinente
E dá-lhe de mammar, mostrando ingenuamente
As hostias de jasmins dos seios em botão . . .

XX

GALATHÉA

Do bloco de Carrara, alvo e sem jaça, a arranco
A golpes de cinzel ! Eil-a de pé — a perna
Sustendo o torso grego, a mão no seio branco —
Como Venus pompeando a formosura eterna !

Em meus labios fulgura um claro riso franco !
Dei á estatua com o sangue a vida sempiterna,
E serpentinamente a cingem, flanco a flanco,
Floreas veias azues como uma sombra interna.

Na pupilla uma flamma, aurea e vivaz, palpita . . .
Presa a um raio de luz, a minh'alma gravita
Na divina attracção do marmore perfeito !

Extatico me ajoelho : e, subito, num choro,
A Galathéa acorda, e o amor, que lhe infla o peito,
Pelos olhos rebenta em catadupas de ouro !

A UM POETA

Na pompa de uma phrase engasta a imagem viva
Como num aranhol de vaporosa trama !
Invoca a inspiração ! Em teu auxilio chama
Os deuses immortaes da Grecia primitiva !

Para a Julieta que te enleva e te captiva,
Colhe jasmins no campo azul que a aurora inflamma !
Que a rima, sacudindo as azas côr de chamma,
Cante como num ramo em flôr a patativa !

Prende com fios d'ouro a idéa esquiva e ingrata !
Faze a estrophe vibrar como um clarim de prata
Ao fim de uma batalha a proclamar victoria !

Enche de sangue a veia orpheonica do verso
E de clarões boreaes o estylo nobre e terso,
— Que em breve alcançarás as purpas da Gloria !

*Campo
azul*

OUVINDO O TEU PIANO

De tecla em tecla o piano em flebeis notas vibra :
Em cada lento acorde uma saudade plange !
Meu coração de chofre estala fibra a fibra,
Como si recebesse o golpe de um alfange !

Em meu olhar, que todo um infinito abrange,
Uma gotta de pranto argentea se equilibra . . .
Chora o piano . . . E' o rumor que faz uma phalange
Angelical que vôa e em pleno azul se libra !

Nessa gamma feral de angustias e estertores,
Vejo Ophelia passar amortalhada em flôres
Na corrente que a embala, ondulando, ondulando . . .

Tu revelas assim dos mortos os segredos !
Pois sob a compressão dos teus jasminoos dedos
A alma de Palestrina estorce-se pranteando !

MANHÃ NA ROÇA

Como Venus pisando a espuma de onda em onda,
Deixa a Aurora a fofez do leito de sultana.
O arvoredo farfalha. Em pranto, aurea e redonda,
Se oculta a derradeira estrella ha pouco usana.

Em grupos mugem bois ao longo da savana;
Sóbe o fumo da choça; um melro os ares sonda,
No arroio, que por entre as arvores dimana,
Remam gansos, de leve, em silenciosa ronda.

As corujas feraes, em agoureiraas levas,
Debatem-se na luz em procura das trevas.
Do rebanho que bale ouve-se a voz morfanha.

E a Aurora, colorindo as nuvens ondulosas,
Desce, lenta, a sorrir, a encosta da montanha,
Com o estemima de chamma e a tunica de rosas...

MEIA NOITE

Penso... Na solidão da rua adormecida
Vasqueja dos lampeões o funerario lume.
De espaço a espaço, a lua assoma entre o negrume
Das nuvens — com a feição da branca Margarida.

No rendilhado templo, onde, em manhã florida,
Me embriagou de Phrynia o tepido perfume,
Pia uma estryge. O vento é um fúnebre queixume.
Ha um brusco ramalhar de frondes na avenida.

Nest' hora de pavor e duvidas sombrias,
De pactos infernaes, de assombros e magias,
Eu faço ao mudo céo sacrilegas perguntas !

Exacerba-me o sangue a dôr que não se acalma,
E sinto desfilar pelo silencio da alma
O cortejo feral das illusões defuntas !

*Lis é de morte
não podem des-
filar...*

NATAL DE PHRYNIA

Um anno mais ! Um anno ! Um mimo de fulgores
Que recebes de seda e rendas entre os nastros !
Mais uma rosa aberta em um bouquet de flôres !
Mais uma estrella a rir numa corôa de astros !

Hoje que de casaca os teus adoradores
Se curvam aos teus pés da côr dos alabastros,
Permitte que eu tambem, em versos incolores,
Te saude, mas não — como os demais — de rastros.

Sou pobre, não possúo anneis de pedras raras,
Nem oiro, brocateis, mas, como tu me animas
Com os olhos claros, quiz beijar-te as mãos preclaras.

E com a alma a dançar numa alegria franca,
Trouxe para o teu collo este collar de rimas
E para o teu cabello uma camelia branca !

FUGITIVA

Adeus ! Já não és minha e me não amas ! Nunca
Em tua alma floriu um sentimento nobre !
A dôr de te perder a propria voz me trunca,
Mas, vae ! deixa que a nau sem bussola sossobre !

Meu coração, que o teu olhar de espinhos junca,
Se estorce e plange como um sino em triste dobre.
Do meu castello azul fizeste uma espelunca
De um asceta infeliz, de um miserando pobre !

Vae, andorinha ! . . . Chega entre boreaes rajadas
O inverno que faz voar os passaros dispersos,
E veste de neblina as loiras alvoradas.

lens
Mas, embora de mim e do meu pranto mofes,
Has de sempre escutar o choro dos meus versos,
Ha de seguir-te sempre um sequito de estrophes !

Poique boreas?

NO DECLINIO

Quando o tempo fugaz, que passa como o vento,
Te engrinaldar de neve e te engelhar o rosto,
Has de volver o olhar, mais triste que um lamento,
Para o passado envolto em sombras de sol posto.

Como um lento viajor que do apice nevoento
De alto monte contempla o caminho transposto,
Ficarás a scismar... E nesse atroz momento
Ha de pungir-te o seio o aculeo de um desgosto !

Teu velho coração, desilludido e exhausto,
Vendo o inutil fulgor das purpuras do fausto,
Ha de então palpitar numa afflição suprema !

E talvez com pezar, num circulo de abrolhos,
Tu te lembres de mim, numa saudade extrema,
Com suspiros na bocca e lagrimas nos olhos !

CONFISSÃO

Já que não posso mais trazer occulto n alma
Este amor, que ha de ser a cruz do meu martyrio,
E que eu, tentando em vão mostrar firmeza e calma,
Revelo em cada olhar mais triste do que um cirio,

Perdôa, meu amor, perdôa ! Embora a palma
Não logre de alcançar a tua mão que é um lirio,
Hei de sempre abençoar teu riso que me ensalma !
Hei de sempre beijar-te a sombra com delirio !

Cobre-me a pallidez do mesto Nazareno
Quando, silencio impondo ao coração captivo,
Contemplo o teu perfil de castellã do Rheno !

Bem quizéra esconder o amor que me consome,
Mas como ? si a annuncial-o a todo instante eu vivo
Pelo tremor da voz ao murmurar teu nome !

HORAS NEGRAS

Noite. Na escuridão soturna do meu quarto,
Penso em ti, meu amor ! Lá fóra, o furacão
Urra como um cyclope e açoita o cedro que, harto
E farfalhante, agita a copa na amplidão.

Sem illusões, da vida ha muitos annos farto,
Sinto que mais me pesa agora o coração !
Cheio de angustia, á porta a fronte quasi parto
Quando estoira no espaço a bomba de um trovão.

Contra a janella, em furia, investe a ventania
Bramindo como um leão nas vascas da agonia.
Raios batem-se em duello . . . Ouço lamentos . . . ais . . .

Que noite fria ! . . . E eu só, chorando num delirio
Por esse corpo em flôr, mais branco do que um lirio,
Que não apertarei nos braços nunca mais !

CORAÇÃO DEFUNTO

Creanças virginæs de boccas perfumadas
Como os rosaes em flôr, como o coral das rosas,
Anjos de azas de arminho, humanas alvoradas
De voz de rouxinol e tranças ondulosas :

Não tenteis reviver as illusões doiradas
Do meu passado azul sepulto entre mimosas !
Dentro desta alma envolta em nevoas condensadas
Já nem um sonho agita as plumas luminosas !

Porque vindes cantar deste sepulchro ás bordas
Onde só vêm pousar nocturnas borboletas ?
Quem logrará tanger um bandolim sem cordas ?

Debalde me volveis dulcissimos olhares !
Pois neste coração, onde esfolhaes violetas,
Reina o inverno glacial das solidões polares !

Aqui sim : logrará
tanger.

Olhares mís no volvem, volvem-nos as olhos.

LAR DE LUCTO

Era um ninho e tornou-se um tumulo esta casa
Desde o dia em que a meiga irmã das açucenas,
Fazendo ouvir em torno um leve ruflo de aza,
Emmudeceu, cruzando ao peito as mãos pequenas !

Embebido no Azul o olhar, que a angustia abraza,
A mãe, a pobre mãe, martyr de eternas penas,
Dores, que crystallisa em lagrimas, transvasa . . .
Cortam-me o coração estas cruciantes scenas !

Desde que a aurora abria o frouxo cortinado
Do Oriente, ella trazia o lar illuminado
Pelo raio de sol do riso astral que tinha !

Dos lirios que plantou teceram-lhe a capella . . .
Nunca mais ha de vir colher jasmins aquella
Que se foi para o Céo num vôo de andorinha !

*Amor helen
meninas*

VISÕES

A's meninas que amei

O' vós que na manhã de minha mocidade
Reducistes a pó as minhas esperanças,
Porque vindes por entre as nevoas da saudade
Derramar em minh'alma o perfume das tranças ?

O' flôres que trazeis o olor da virgindade
E risos matinaes em boccas de creanças,
Deixaes-me, emfim, em paz na minha soledade
Apascentando o meu rebanho de lembranças ! . . .

Mas si agora vos punge a dôr do louco amante
Que via em vosso olhar a estrella do Levante
E ouvia uma canção em vossa ebriante voz :

Quando em breve eu fechar os olhos entre cirios,
Pagae-me em bogaris, chrysanthemos e lirios,
As santas illusões que desfolhei por vós !

OS TRIUMPHADORES

ALEXANDRE

I

Num sonho exelso, com o olhar o mundo abarcas:
E partes, num tropel de athletas e gigantes,
Azia a fóra, quebrando o sceptro dos monarchas
E brechando brutaes muralhas de elephantes !

Ficam por todo o Oriente as indeleveis marcas
Das patas dos corceis. As phalanges brilhantes,
Que Marte impelle e Zeus protege, amealham arcas
De ouro e prata e montões de pedras coruscantes.

Offerecem-te o amor as princezas mais bellas !
Perfumam-te os jardins da rica Babylonia !
Comes pavões dá Media em rutilas baixellas !

De satrapas e reis quebras o jugo fero . . .
Para os feitos cantar-te, aguia da Macedonia,
Só tem cordas a theorba olympica de Homero !

ANNIBAL

II

Em Sagunto recebe a agua lustral da gloria :
E, caminho da Italia, o genio de Carthago,
Entre avalanches, presto, os Alpes vinga, o estrago
Espalhando atravez da longa trajectoria.

Por que?
Carregado de anneis e pompas de victoria,
De buccinas marciaes num estridor presago,
Lá vae ! Por onde passa um borbulhante lago
De sangue deixa, abrindo um sulco astral na Historia !

Firme, o Carthaginez, ariete dos arietes,
Passeia entre um fulgor de escameos capacetes,
De armaduras de bronze e lanças rutilantes . . .

*não é verdade. El
le não pôde chegar
até Roma.*
Consules e legiões de assombro semimortas
Triumphantemente leva até de Roma ás portas,
A patas de corceis e trombas de elephantes !

CESAR

III

Por sobre as Gallias solta as aguias bellicosas,
Transpõe o Rheno e invade a inhospita Bretanha...
Muralhas não detém suas legiões gloriosas
Que pisam nobremente orgulhos de montanha !

Podem settas zunir ! Póde raivar a sanha
Dos barbaros sem conta ! As hostes victoriosas,
No sinistro fragor da pertinaz campanha,
Colhem para coroal-o immarcesciveis rosas !

Estremece o inimigo assim que lhe ouve o passo ;
No torvelim da lucta a sua espada brilha
Furando corações de heróes de peitos de aço.

Por degraus de laureis sóbe ao sonhado solio,
E Roma, que o seu vulto enche de maravilha,
Eleva o triumphador de Munda ao Capitolio !

BONAPARTE

IV

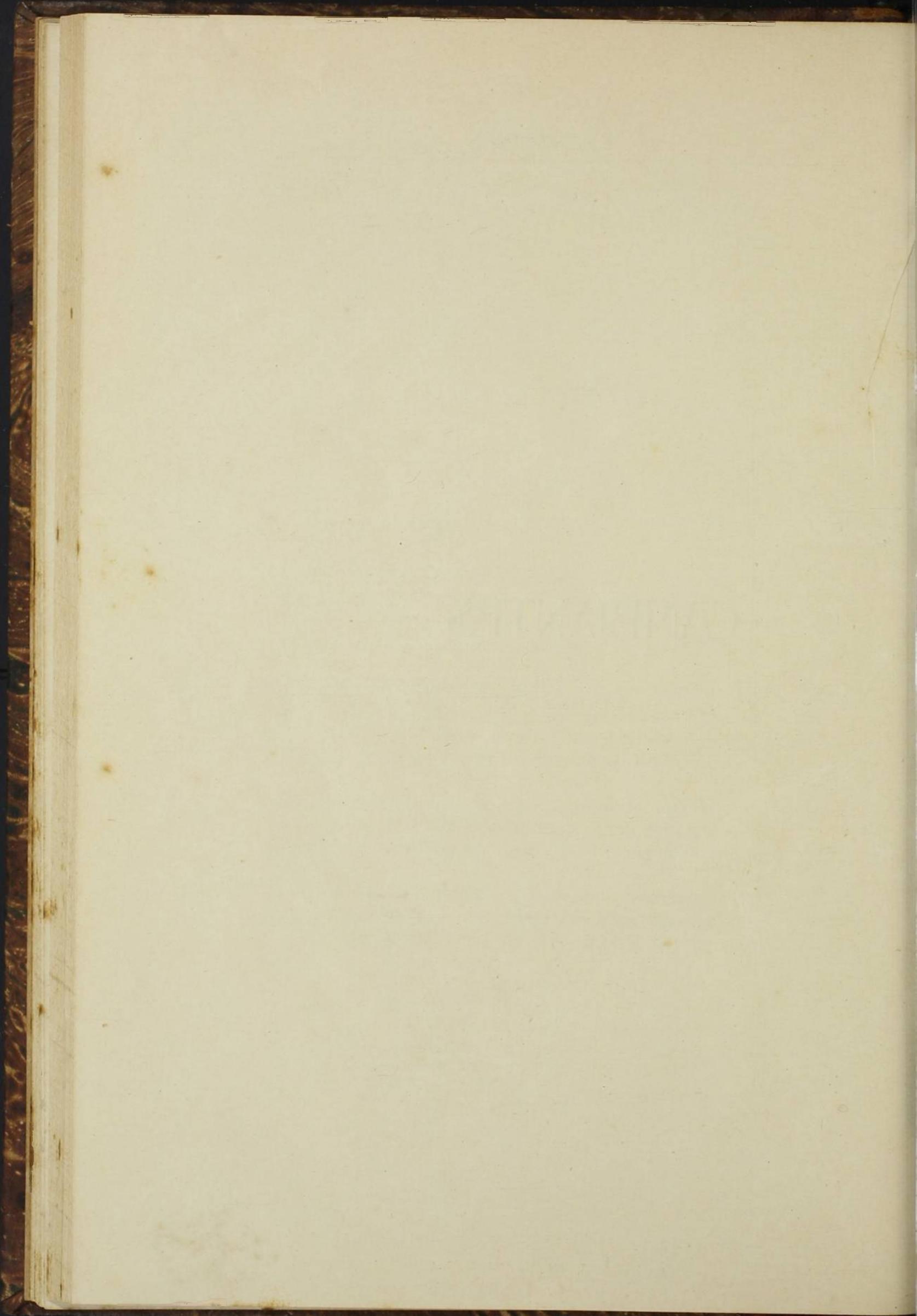
Entre o crebro estridor das musicas de guerra,
Como um raiô, percorre os campos de batalha,
E, terror das nações, abala toda a Terra
Com urros de canhão e estrondos de metralha.

Quando, de gladio em punho, o Corso passa, aterra,
E ao clamor dos clarins o panico se espalha!
Da Hollanda á Russia, entre ais, choros e pragas, erra,
Dando aos corvos festins de opípara mortualha.

Desde as trez colossaes pyramides do Egypto
— Arcas de tradições, assombros de granito, —
Veiu aos seus pés curvando o alto orgulho realengo.

Vienna, Berlim, Moscou guardam vivaz memoria
Do semideus que tem, para perpetua gloria,
Os trophéos de Wagram e os louros de Marengo...

CAMBIANTES



A UM CONQUISTADOR

O' coração de bronze, ó coração de hyena,
Irmão de Attila e Nero — o barbaro e o incendiario —
Que transformaes a Terra em uma vasta arena
Com o pulso de um cyclope e a furia de um corsario,
Deixaes florir a Paz, que Deus assim o ordena !
Basta de horrores, basta, abutre sanguinario !

*Em fúrio
a toques de
clarins 77.*

E' horrivel este quadro : — Um campo de batalha.
A toques de clarins trôa a fuzilaria
Seguida do clamor sinistro da metralha
Que dizima esquadões, até que a noite fria,
Vendo morrer titans que não terão mortalha,
Para cobril-os, abre a tunica sombria!

Partem numa esfuziada as ponteagudas balas
Furando corações, rompendo carnes quentes ;
Refulgem lanças mais brilhantes do que opalas
No insano marulhar das coleras frementes,
E, bebadas de sangue, as bem dispostas alas
Envolvem o inimigo em roscas de serpentes.

Em quanto parte um craneo o gladio de um Mavorte,
Fulminea bala ultriz vára um pulmão. O embate
E' cada vez mais fero, é cada vez mais forte.
Lembra o circo de Roma a arena do combate !
E, convivas brutaes da bacchanal da Morte,
Com tigrino furor cada legião se bate !

Vêm-se athletas no pó, nos ultimos arrancos,
Procurando vibrar o golpe derradeiro.
O canhão, que ribomba e roda aos solavancos,
Dos estilhaços cospe o fulvido chuveiro,
E, bolhando, a manar dos seios e dos flancos
Dos soldados, o sangue ensopa o campo inteiro.

Nitrem caracolando indomitos cavallos
As patas atolando em poças purpurinas;
Outros com furia tal que já não ha domal-os,
Exhalando um vapor candente das narinas,
Vôam como dragões saltando fojos, vallos,
Levando erguidas como uma bandeira as crinas !

O morteiro escancara a guela flammejante
E — num crebro estrugir de bronzeas gargalhadas
Capazes de aterrar homérico gigante, —
Clangora vomitando as bombas inflamadas,
E, — como um bafo ruivo, — o fumo espiralante,
Resfolegando, expelle em nuvens condensadas.

*Ruivo esto entre verme
vho e amarelo
não sei que
vento e fer
bafo ruivo.*

Lusbelico sabbat ! Dantesco pandemonio !
A polvora explodindo espalha nuvens pretas.
Passeia a Morte a rir de braços com o Demonio...
E entre as scintillações das brancas bayonetas
Estridulam febris, num jubilo gorgoneo,
Tambores e clarins, fanfarras e trombetas !

Mto bom

Dos braços vôam mãos como bizarras flores
Arrancadas do hastil. Corceis pisam entranhas
De moribundos já cobertos de livores,
De heróes a estertorar em convulsões estranhas !
A orchestra funeral de armisonos clangores
Faz tremer de pavor as aguias das montanhas !

Finda a batalha. Em ronda, os execraveis corvos
Descem a desolhar mortos e agonisantes
Que se estorcem no horror dos desesperos torvos,
Com as hirtas mãos cobrindo os lividos semblantes,
— Em quanto vós, falcão, sem peias, sem estorvos,
Rejubilaes envolto em purpuras brillantes !

*As estilhaços
do canhão
absolutamente
não são fulvos*

*não sabemos
como o cavalo
esquele vapor
ombros*

As vossas mãos crueis, as vossas mãos ferinas
São garras de Satan ! A vossa trajectoria
E' assinalada por devastações e ruinas.
Vêde: gottejam sangue os louros da victoria !
As almas côr da aurora, as almas crystallinas
Desmaiam ao clarão fatal da vossa gloria !

No lar, que era um jardim de alegrias doiradas,
Cheio de colibris e borboletas mansas,
Onde o amor arrulhava idyllicas balladas
E eram cravos a rir as boccas das creanças,
— Fizestes penetrar a Morte ás gargalhadas
Por entre um refulgar de espadas e de lanças !

Contemplae um momento as virgens lacrimosas
Que no auge do pezar que o seio lhes apúa
Levantam para o céo as frontes angustiosas,
Emquanto o coração crucificado estúa !
Nessas faces de neve onde floriam rosas
Se estende a pallidez ophelica da lua !

Como contrista ver as candidas meninas
Sem o amparo, ó broquel dos paternaes desvelos,
Expostas da luxuria ás garras libertinas !
Miserrimas ! Só têm, embora caiam gelos,
Para a nudez velar das fórmas peregrinas
A nuvem aromal e fofa dos cabellos !...

Sobre essa fronte o olhar do Creador dardeja
Um duro raio hostil de um brilho funerario.
Nada poupa esse gladio argenteo que lampeja :
Nem a cruz em que soffre o Martyr do Calvario !
Erguei os olhos, vêde: O sol, que relampeja,
E' um coração que sangra envolto num sudario !

Searas, jardins em flôr de aroma rescentente,
Templos de Buddha e Christo e de Mafoma e Brahma,
Pompas esculturaes de marmore luzente,
Jóias de arte que a luz, que é um beijo de astro, inflamma,
— Tudo, tudo destruís inexoravelmente
A tiros de canhão, a vomitos de chamma !

*Almas de todos
as cores x x*

*Este é o homem
não é espírito
nem é vênia*

*Rui fregues
m.*

x x

SER CONDOR

Ser condor ! espalmar as azas rumorosas
 Nas manhãs de crystal, em pleno azul da esphera,
 Para onde ascende solto o espirito das rosas
 Que abre com as roseas mãos a rosea primavera ;

O rubim Amor
ser composta
rubim am
sol, am
o sol so my
bin.

Viajar da aurora á noite, errar de monte em monte,
 Num vôo de dragão, cheio de heroicidade,
 Saudar primeiro o sol que assoma no horizonte
 Como um rubim jorrando intensa claridade ;

Perlustrar, divagando, as mais remotas zonas
 Da Atlantida, passeando o olhar por cousas grandes ;
 Pela manhã lavar as plumas no Amazonas
 E á tarde adormecer no pincaro dos Andes ;

A. aguia a mi
nos plantar
para falar
antelhos

Subir ! subir ! subir ! A cupula celeste
 Quasi roçando, ver o sideral thesoiro,
 E trazer a plumosa e estrepitante veste
 Cheia de ascuas de sol e de scentelhas d'ouro ;

As azas colossaes de rijo espanejando
 Sobre o vermelho mar dos campos de batalha,
 Ver rolar esquadrões no embate formidando
 Entre uivos de clarins e roncos de métralha ;

Ouvir o crocitar phrenetico do vento
Sem medo, sem temor, sem sustos, sem desmaios,
E entre alas de bulcões cruzar o firmamento
Rechassando no surto um batalhão de raios;

Zombar dos vendavaes e do trovão que aterra
— Raucisono tambor que crebramente rufa —
E, as garras encrespando, um cantico de guerra
Lançar ao suracão que torvelinha e busa;

Muito acima pairar dos pantanos do Vicio,
Dos horizontes sempre achando as portas francas,
E sonhar no cairel de um cavo precipicio
Nos macios frouxeis das fofas nuvens brancas;

Viver longe do horror das coleras humanas
Torvas como o gransnar famelico dos corvos:
Só, ás vezes, poustar no colmo das choupanas
Onde não rugem nunca os dèsesperos torvos;

Amar o colibri por ser mimoso e bello,
O lirio — por ser casto, a pomba — por ser mansa;
Ter garras para as mãos que vibram o cutello
E bico afiado como a ponta de uma lança;

Escoarçar a estryge e os mochos agoureiros
Que andam a gargalhar na cruz das sepulturas
Onde se abrem, sangrando em flôres, nos canteiros,
Os rubros corações das lacteas virgens puras;

Como um audaz titan, ancioso de conquistas,
Azas abertas, fronte erguida, olhar chispante,
Vingar do Chimborazo as arrogantes cristas,
Na gloria ascencional de um vôo espiralante;

Por cima de marneis, hortos, rechãs e pampas,
Planuras e vergeis, leguas de molle alfombra,
Florestas de torreões e coruchieus e campas,
Atravessar deixando apenas uma sombra;

Em busca de outro clima, em busca de outros ares,
Num fragor de tufão, vertiginosamente
Arrojar-me atravez do torvelim dos mares
Que ameaçam devorar, urrando, o Continente :

Eis a excelsa illusão que o cerebro me inflamma,
Os icarios ideaes que ha muito me consomem ! . . .
Quem me déra azas ter para fugir da lama
A que me trazem preso estas algemas de homem !

A JESUS

O' casto Liz da Galliléa ! quando,
Sob o peso da cruz do teu fadario,
Ferindo os pés, gemendo e soluçando,
Tropeçavas na encosta do Calvario,

O Homem cruel, o monstro sanguinario,
Tripudiava em teu pranto, gargalhando !
E tu jugavas — pobre visionario ! —
Que a alvorada do Amor vinha raiando !

Em vão luctaste com o dragão do Vicio
E consumimaste o heroico Sacrificio !
Que conseguiste com teu sangue, Mestre ?

E' sempre a mesma a turba odiosa e futil
Que te insultou na penedia alpestre
E te manchou a tunica inconsutil !

A' DOR

Corophonia

O' Dor, ó velha imperatriz do mundo,
Que a gente arrasta como bronzea carga,
Maldita sejas ! Teu olhar profundo
E' o pesadelo desta vida amarga !

Foge de mim, phantasma tremebundo !
Arranca-me este espiculo da ilhaga !
O rosto em vão de lagrimas inundo :
A tua mão de espinhos não me larga !

Caerophonia

Por castellos, choupanas e casebres,
Bebendo sangue e produzindo febres,
Passas deixando o rastro nauseabundo.

Corophonia

Os corações te amaldiçôam . . . Quando
Ha de ter fim o teu reinado infando,
O' Dor, ó velha imperatriz do mundo ?

A UM AVARENTO

Enxotas do portal o esqualido mendigo
Que pelo amor de Deus te pede caridade !
Nunca vestiste um nú e nunca deste abrigo
A' viuvez sem amparo e á misera orphandade !

Guarda o teu ouro, os teus milhões ensanguentados !
Quando a morte cruzar as tuas mãos inermes,
Tu, que sempre negaste um pão aos desgraçados,
Irás saciar a gula a cem legiões de vermes !

TUYUTY

Rompe a batalha. Estridulas trombetas,
Crebros clarins, fanfarras e tambores,
Numa orchestra de rabidos clamores,
Clangoram entre as fumeas nuvens pretas.

Coruscam lampejantes bayonetas,
Trôa a metralha em bellicos furores,
E, como um bando de triumphaes condores,
Pendões esvoaçam... Rangem as carretas.

Com a furia do pampeiro, o formidando
Osorio, envolto num clarão, soltando
O impavido corcel, da morte em face,

Passa brandindo o gladio de gigante,
Como si fosse um genio que passasse
Montado num cometa flammejante !

A TEMPESTADE

Conglomeradas no alto, a combinar o instante
 Em que á terra darão o ataque, as nuvens pretas
 Caminham pelo espaço em marcha balouçante,
 Como um bando invasor que avança triunfante
 Entre rolos de pó e toques de cornetas.

Brâme longinquamente a voz estertorosa
 Do trovão assustando a Natureza em calma.
 O colibri supplica um agasalho á rosa
 Que o aninha, entrefechando as petalas, piedosa,
 No casto seio como um sonho dentro da alma.

Relâmpagos febris de flammea cauda, ariscos,
 Dão punhaladas d'ouro... Em subitos desmaios,
 Num fulvido painel de traços e de riscos,
 Cobrejam pelo céo enxames de coriscos,
 E estoirazes bulcões vomitam fulvos raios...

Tamborilando, grosso, o temporal desaba,
 Vergastando de rijo os visos da montanha;
 O coqueiral sacode as palmas verdes na aba
 Do monte, onde, á feição de um crâneo, a terra acaba,
 E onde o inverno desdobra a neblinal bretanha.

*Alas de trovão
a cornetas*

*para. plantas
Incompreensível*

*? Que fur
dijo isto? Si
é desmaio, n
é fulvo*

*Não entendo
a fur nem este
é a feição de um cr
nevo.*

Pura furacão
 E o furacão ribomba. As folhas do arvoredo
 Despencam-se bailando em vôo trepidante.
 Os pombos nos casaes escondem-se com medo,
 E ajoelham-se a rezar as flôres em segredo
 Pelo espirito azul de um melro agonisante !

Bufo
 A floresta se estorce em convulsões de morte
 Num macabro clamor de monstros enjaulados;
 E os ventos que a bufar, com pulso herculeo e forte,
 Espancam dos chorões a lurida cohorte,
 — São maltas de satans malhando condemnados . . .

Bufo
 A fonte musical do pincaro da serra,
 Que trazia no seio um rouxinol cantando,
 Borbulha, e ferve, e espuma, e corcoveia, e berra,
 Impellindo os calhaus que do alveo desenterra
 Com a furia de um corcel que foge relinchando.

Rio
 Abrindo socavões, cavando algares, rugem,
 Como rios de sangue, as crespas enxurradas ;
 Tomados de pavor, os bois no campo mugem
 Quando os roucos trovões raucisonos estrugem
 Num clangor de canhão varrendo barricadas !

Rio
 As choças e os palhaes, no embate fragoroso,
 Tombam entre um clamor de almas de magua cheias.
 Os pinheiros senis de aspecto doloroso,
 Erguendo espectralmente o galhame nodoso,
 Semelham colossaes espinhas de baleias . . .

Rio
 Das enseadas deixando o bonançoso leito,
 Onde a idéa tenaz de liberdade incubá,
 O grande Mar, que embala as velhas naus no peito,
 Com urros de montanha, em macaréos desfeito,
 Leoninamente erriça a espumarenta juba !

Rilhando farelhões e solapando fragas,
Busca tomar de assalto os condoreiros montes :
E, uivando maldições, vociferando pragas,
Transpõe a praia e leva o assombro em suas vagas,
Num dantesco tropel de ruivos mastodontes !

Blindados Leviathans que arfam com as bronzeas cargas
E sulcam bamboleando as vastidões supremas ;
Couraçados — dragões de azas triumphaes e largas, —
Tudo — o Mar, vomitando electricas descargas,
Estrinca em suas mãos como um collar de gemmas !

Destroços de galeões — maruja, velas, mastros —
Tudo no saque pilha a neptuniana tropa.
Tanto estrondo o tufão faz a correr de rastros
Como si Deus com o pé brilhante como os astros
De encontro ao Novo Mundo arremessasse a Europa ! . . .

E eu, ouvindo o estridor do vendaval, que estala,
Fico, triste, a pensar nas frageis borboletas !
E minh'alma infeliz, que foi de Buddha, exhala
Um ai de compaixão dos lirios côr de opala
Que se desfolham como as illusões dos poetas ! . . .

CASA PATERNA

Da velha casa em que a manhã da vida
Passei — conservo uma lembrança exacta :
Antes de eu vir ao mundo foi erguida
Perto da serra, quasi ao pé da matta.

Dá para o sul a frente ennegrecida;
Ao lado, para um poente de escarlata,
Janellas donde, na estação florida,
Se aspira o cheiro dos jasmins de prata.

Perto, o bambual em cujo seio amigo
Cantam graúnas, e o pomar antigo
Com melros, tiés e gorundys em bando.

O ribeirão, o cafesal, a horta...
Ah ! que saudade o coração me corta
Do lar querido que deixei chorando !

DE VOLTA

Eis-me de novo no abençoado abrigo
Do sitio umbroso onde brinquei na infancia !
As flôres, desatando-se em fragrancia,
Me cumprimentam com seu gesto amigo.

Borboletas e passaros com aancia,
Com a alegria do bom tempo antigo,
Pousam-me no hombro emquanto, a rir, bemdigo
Esta esquecida, remansosa estancia !

Tudo, ao me ver, de jubilo palpita !
Parece até que a abobada infinita
Accendeu as estrellas mais preciosas !

As moutas offerecem-me os regaços...
Como vos amo, ó arvores saudosas
Que me embalastes muita vez nos braços !

*Amplexo e voo das
butterflies
en reverencia (ao ve-
mer), que v mudam as
a posicão naturaes.
Com brasão aberto
sobre a anteadeira cor
de saudade.*

*Estrelas que se
acendem a noite a
os poesos do poeta
saudor de dia.*

NA ROÇA

Aqui, após uma batalha rude
Em que fiquei desilludido e exhausto,
Recobro a minha morta juventude
E os sonhos d'ouro, como o Doutor Fausto.

*Alor miu e
bela, suspira
Le*
Deixei do Tedio o lobrego ataude,
E, jubiloso, bebo, de hausto em hausto,
O olor das rosas. Volta-me a saude
E me seduz da primavera o fausto.

foras
Cedo abandono o tepido agasalho
Do leito e, exposto ao matutino orvalho,
Assisto ao espectaculo da aurora.

Que doce paz ! Que vida rosea a minha
Nestas paragens, que Setembro enflora,
Donde nunca emigrou uma andorinha !

A AGONIA DA ARVORE

Vae-se uma folha e exhalas um lamento...
Extranhas cousas no sussurro dizes !
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os passaros felizes !

Tu que luctavas com o tusão violento
Empedrada nas solidas raizes,
Agora pendes, quasi morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastimes, arvore sem flôres,
Erguendo ao céo, em vez da fronde linda,
Os braços nos extremos estertores !

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados !

*— comprehen-
do bem como
possam os galhos
aquecer, mas
transformados
em fogos*

NO CAMPO

Vê, meu amor ! Da aurora á luz vermelha
Chispam milhões de perolas no campo.
Aqui, alli, um tardo pyrilampo
Apaga a dubia e pálida scêntelha.

Os pintasilgos olham-me de esguelha
Quando em teu rosto um longo beijo estampo.
Rebrilha o céo radiosamente escampo
Que azuleo espelho concavo semelha.

X Desponta o sol. Uma avalanche d'oiro
Flammeja. Zumbe aligero besoiro
E ondula a relva que premindo vamos.

Corre estranho rumor de rosa em rosa :
Pois quando passa uma mulher formosa
As proprias flôres curvam-se nos ramos !

*azuelo nô
existe*

NO VALLE

Como isto é bello ! Numa tremulina,
De queda em queda, o murmuro riacho,
Que ergue de espuma um tremulo pennacho,
Beija a fimbria da saia da collina.

*Repetição des
murmulo.*

Farautas e anhos pascem na ravina ;
Resôa a avena de um zagal debaixo
De uma palmeira que debulha o cacho
E abre o feixe de palmas, que se inclina.

A graça errante de uma borboleta
Entre silvas marinha, inquieta, inquieta,
Sem se ferir na ponta dos espinhos.

As arvores são harpas harmoniosas . . .
Em quanto vão desabrochando as rosas,
Ouve-se a orchestra matinal dos ninhos !

*A força de querer usar do termo
ponos impregados, alga as alegres
a se expressar mal. Farautas, por
ex, não fui dizer somente onelha,
mas onelha velha.*

NA VARZEA

Só, num enlevo, entre as aragens mansas,
 Da vida esqueço o fellico amargume,
 Sob um ipé, que, sacudindo as franças,
 Me festeja com bençams de perfume.

Perto, um passaro estranho, arcoirisado,
 Preludiando amorosas cantilena,
 Pompeia como um principe encantado
 A riqueza chromatica das pennas.

*Uscando
gentes*
 Sob uma umbrosa cupula de folhas,
 Alta como uma abobada de igreja,
 Entre floccosas florações de bolhas,
 Flue opalea corrente que espumeja ;

Phonem
 E abaixo, entre lisins, cascavelando,
 Enruga a prata no ebano da rocha,
 Depois num salto arroja-se, bufando,
 E em corymbos de espumas desabrocha.

De prompto um subitaneo reboliço
 Faz ondular a relva que se dobra,
 E, pondo em fuga um melro assustadiço,
 Surde, colleando, uma erradia cobra.

E' uma cobra coral de linda escama
Precintada de purpura e de treva;
Ao ver seus olhos — dous rubins em chamma —
Das borboletas vôa esparsa a leva.

Rim. jw De um arrosal maduro o oceano loiro,
Que o vento agita e o sol a pino escaldá,
Em harmoniosas ondulancias d'oiro,
Vae-se quebrar num dique de esmeralda . . .

Vae quebrar Os colibris de plumulas cambiantes
— Solto collar de pedras preciosas, —
De surto em surto, em pares doudejantes,
Andam com o bico ensanguentando as rosas . . .

Bern Pelas copas em flôr, entre perfumes
De manacás, em variações bizarras,
Abafando das pombas os queixumes,
Tocam flautins estridulas cigarras.

Com seus resmungos barbaros me assustam
Besoiros de bronzeados capacetes,
E por capões de matto embarafustam,
Levando á frente os dous hostis floretes.

O sol com os fulvos raios colorantes
Pincela a tez sem macula das flôres,
Numa gamma de cores deslumbrantes,
Que humilha a phantasia dos pintores.

Eco A orchestração dos passaros me anima
E insuffla um sangue novo em minhas veias,
E componho a cantar, de rima em rima,
Poemas e poemas de encantar sereias !

Dentro de um sonho o coração se aquietá,
Sinto-me bem, sem tedio, sem fadiga,
E murmuro num extasis de poeta :
— «Bemdita sejas, Natureza amiga !»

A TORRENTE

Da serra azul, onde a palmeira medra,
 Onde paira a neblina, se deriva,
 Entre abertos lisins de esconsa pedra,
 Um fio de agua viva . . .

A. OLIVEIRA

No pinaculo do monte
 Onde a tempestade rincha,
 Brota escassa e tenue fonte
 De saxeа frincha.

Rompe do adyto da penha
 Por furo aberto a capricho,
 E, subito, se despenha
 Em um esguicho.

Salta e foge num arrulo
 Num chão onde a relva medra,
 E desce, de pulo em pulo,
 De pedra em pedra.

Serpeja entre as mobeis pendulas
 Dos intrincados cipós,
 E passa entre as filipendulas
 Dextra e veloz.

Entre calhaus, palpitando,
Susta a carreira, escorrega,
E vae tacteando . . . tacteando . . .
Como uma cega !

Logo após a argentea fita,
Encosta abaiixo, desdobra,
E, rebolando, se agita
Como uma cobra.

Pelos tunneis de verdura
Tirita de luz á mingua,
E sae da garganta escura
Como uma lingua . . .

Um periquito da serra,
Quando mais flammeja o sol,
Na corrente o bico enterra
Como um anzol.

Bebe adeante um tico-tico ;
No ponto em que mais borbulha
O beija-flôr crava o bico
Como uma agulha.

E a equorea serpe, que vaga
Pela ravina, de rojo,
Suspira de fraga em fraga,
De fojo em fojo.

Chega ao cimo de uma rocha
Por entre palmas de avenca :
Salta, em lirios desabrocha
E se despensa . . .

Arrebanha affuentes niveos
— Mansas cobras de luar
Que encontra pelos declivios
A tiritar,

Engrossa tanto na viagem
 Que a agua de um salto não vingo :
 Fóra a que bebe a folhagem
 De pingo em pingo.

Serios perigos arrosta
 Como um heróe frio e calmo,
 E conquista a longa encosta
 De palmo em palmo.

Ao valle chega. Que festa !
 Toda se arrufa de gloria !
 Foi a viagem na floresta
 Uma victoria !

Detem-se ao pé de uma choça,
 E, cheia de um santo amor,
 Offerta uma grande poça
 Ao morador.

No seio hyalino, claro,
 Esconde uma alma de Buddha :
 Até a flor sem amparo
 A erguer-se ajuda.

Posto que a turvem bastante,
 Não leva sombras de magua.
 Jamais negou ao viandante
 Um copo de agua !

Na marcha morosa e tarda
 Pisam-lhe o dorso espelhento
 Os bois : inda assim, não guarda
 Resentimento.

Salva em galeras de folhas
 Tribus de insectos ruins,
 E, alegre, floresce em bolhas
 Que são jasmins !

Entra num campo: congraça
As borboletas de cores
Diversas e, anciosa, passa
Colhendo flôres.

Aqui, alli, uma rosa,
Que em perfumes se desmancha,
Brinca nas ondas, gloriosa
Como uma lancha!

Um sinceiro de alta copa
A frouxa cauda de sombra
Em suas aguas ensopa,
Rente a uma alfombra.

Nas ondulas encrespadas,
Da pedraria entre os vãos,
As arvores debruçadas
Lavam as mãos...

Ora reflecte a esmeralda
De um tuim, ora um galho arreda,
E o espumeo pendão desfralda
De queda em queda.

Dança um pouco, e estuga o passo,
De neve as margens salpica,
E lança-se, espaço a espaço,
De bica em bica.

Quando o alveo se torna estreito,
Solapa e alue os barrancos,
E espreguiça-se no leito
De seixos brancos...

E toma alento, descança
Um só minuto, porém:
Pois cae num pendor, e avança
De novo, além!

E sem tino, atropellada,
Ladeira abaixo, tropeça,
E em desalinho, arrepiada,
Se ergue depressa.

Vista de longe, parece
Toda vestida de plumas :
Pois, cheia de flóccos, desce
Suando espumas !

Galopa, agitando ao vento
A undante crina de opala.
A's vezes, no chão pedrento,
Os pés entala . . .

Corre, corre, sem descânco,
Riçada, tremula, audaz,
Até que, enfim, num remanso
Encontra paz.

Num tanque em círculo, enorme,
De face de porcellana,
Deita-se, aninha-se e dorme
Uma semana.

Meninas brancas e núas,
De pernas jaspeas, redondas,
Se banham, sorrindo, em suas
Macias ondas.

X Um ganso, que se retrata
No placido ancoradoiro,
Quebra-lhe o espelho de prata
Com os remos d'ouro . . . +

Mas, findo o sonno, fremindo,
De novo põe-se a viajar
De passo em passo, seguindo
Rumo do mar . . .

EM STAMBUL

Para livrar minh'alma da manopla
Do Tedio, que a opprimia a todo o instante,
Cortei, num brigue, mares de sinopla,
Tangendo a lyra como um bardo errante.

Nas longas ruas de Constantinopla,
Onde resôa a guzla suspirante,
Cantei ás musulmanas doce copla,
E andei de cimitarra e de turbante.

Amei as mais formosas byzantinas
Que, levantando o frouxo véo brumoso,
Abaixavam as palpebras divinas.

Venci os odios que o estrangeiro acirra,
E vim deixando um rastro perfumoso
De nardo e aloes, de sandalo e de myrrha...

VISITA NOCTURNA

Em sonho ás vezes volto ao lar. Ancioso,
Entro na sala e beijo a mão querida
De minha Mãe, que, alegre e commovida,
Me abençôa num gesto carinhoso.

Ouço-lhe a voz saudosa e enternevida
De um tom maternalmente melodioso !
Minh'alma sente inenarravel goso
Ness' hora que é a melhor de minha vida !

Vejo depois, com intima alegria,
Minha irmã no jardim colhendo flôres
Para enfeitar a imagem de Maria.

Percorro os sitios que eu amei — com ancia,
E ainda aspiro os mysticos olores
Dos jasmineiros que plantei na infancia !

BALLADILHA

A egregia diva por quem ando
A suspirar com amargor
E' um ser olympico, adorando,
Que tem da neve andina a cõr
— Rosa que vem desabrochando
Virginalmente alva e tasul,
Sob o esplendor de Abril sonhando
Com as pompas de uma aurora azul.

Quando ella exhala, palpitando,
O aroma — philtro embriagador —
Eu, de hausto em hausto, o bebo, arfando,
Como um dulcissimo licor.
Amo-a demais ! E não sei quando
Essa princeza de Stambul,
A cujos pés vivo chorando,
Me volverá o olhar azul !

Quando se oculta o sol chispando,
Encontro, pallido de amor,
A Flôr do Bosphoro scismando,
Na mão o rosto seductor;
E assim, de branco, meditando,
A musulmana estrella exul
Recorda um cysne repousando
Immoto á flôr de um lago azul...

Humilde curvo-me ao seu mando
Como um arbusto ao vento sul :
No entanto, ao ver-me soluçando,
Apenas move o leque azul !

*Neve andina ou
soc Andes, tem a
mesma cor das
outras neves*

*repeli apri-
mado a onda.*

*o aroma
não se leva*



Morfolom*Ecos*

SONHO MORTO

O sonho azul que eu vinha acalentando
— Uma preciosa dadiva divina —
Foi dia a dia as petalas cerrando,
Como um heliantho quando o sol declina...

Adeus, ó lirio de um perfume brando
E tez nivosamente alabastrina,
Que, o meu torvo pezar balsamisando,
Me sorrias na estrella vespertina !

Doce illusão crescida na minh'alma !
Nunca mais tu virás, por noite calma,
Beijar-me o rosto, placida e radiante !

E hei de chegar ao meu sombrio outomno
Sem ter um anjo que no extremo instante
Me feche os olhos para o eterno somno !

HORAS MORTAS

Doze pancadas o relogio bate
— Um rosario de contas de lamentos ! —
Depois silencio. Estão dormindo os ventos
Como titans cançados do combate.

Sob o livor da lampada, que abate
A dubia chamma, tenho pensamentos
Sinistros como os corvos agourentos.
No peito a dor enterra-me o acicate !

Debalde tento conciliar o sonno
Para attenuar o horror deste abandono
Em que succumbo num montão de espinhos !

Abro a janella. Inda tão longe a aurora !
Tudo repousa... Apenas, valle a fóra,
Cantam as fontes embalando os ninhos...

NOITE DE AMOR

Quando me deste, pallida, offegando,
O teu primeiro beijo ao fim do dia,
No occaso, envolta em purpuras, nascia
Vesper, doirada e limpida, radiando.

Cada vez que o meu beijo, fuzilando,
Illuminava a camara sombria,
Teu corpo lacteo e açucenal tremia
Como um lirio que vem desabrochando...

Na tua bocca de coral zumbia
Dos meus desejos o sequioso bando,
E o teu collo a violetas rescendia !

Quando me deste, pallida, offegando,
O ultimo beijo a palpitar, — morria
A estrella d'Alva, tremula, chorando !

NOITE DE INVERNO

Que frio!... E eu só!... Oh! noite de amargura!
Lá fóra plange com angustia o vento
Desgrenhando o arvoredo, que murmura,
De mãos alçadas para o firmamento.

Meu leito é uma gelada sepultura,
O lençol — um sudario... Embalde tento
Dormir: o frio cresce e me tortura!...
A minh'alma tiritá... Que tormento!

Ah! si ella, cheia de ternura e zelo,
De amor vencida, viesse neste instante
Envolver-me no manto do cabello!...

Loucura minha! A um sonho em vão me aferro!
Não mais terei o seu perfume ebriante
Neste nocturno carcere de ferro!

Lamentoso

Lamentoso

TANTALO.

Sobre uma pagina de Coelho Neto (*)

Plenilunio. As estrellas buliçosas
 Scintillam docemente, docemente...
 Entre perfumes de esfolhadas rosas,
 A bacchanal estruge em febre ardente.

Ancillas gregas, moças da Sicilia
 Tangem harpas e cytharas doiradas,
 Sonorisando a orgiatica vigilia
 Com notas suavemente avelludadas.

Ephebos cantam, famulos vozeiam
 Em derredor da turma de convivas,
 E, na celeuma lubrica, pompeiam
 A robustez das raças primitivas.

As hetaïras doudas, titubeantes,
 Erguem rythons de bronze de Coryntho,
 Entre confusos gritos luxuriantes
 Molhando os seios nús de vinho tinto.

Negros enormes da Numidia tocam
 Os tamboris. A musica arrebata !
 Mulheres, tontas de volupia, chocam
 Os estridulos tympanos de prata...

Tintinabulam campainhas de ouro.
Formosa Phrygia loira como Diana
Fere uma lyra de macio choro
— Mimo de cara tartaruga indiana.

Lauta mesa de raras iguarias
Posta ao luar. E' um veio cada vaso.
Vem-se pavões da Media, ostras, enguias,
Faisões do Egypto, passaros de Phaso,

Figos da Chelidonia, uvas de Athenas,
Petunclos de Méthymna, ameixas syrias,
Tamaras novas da Thebaida. Plenas
De vinho, as taças deitam linguas tyrias.

Espumejam os cyathos, Eroticos
Jovens batem os cymbios com luxuria ;
Bebem-se vinhos tepidos e exoticos
De Cós, de Samos, de Chiraz, da Etruria.

Vasos etruscos voltam das adegas,
Corre o falerno olente e rubicundo,
Como o sangue, na furia das refregas,
Da ilharga de um athleta moribundo.

A myrrha, nas caçoulas fumegando,
Desfaz-se em ondulancias de perfume . . .
De instante a instante, irrompem, saraivando,
Gritos de raiva, apostrophes de ciume.

Os rouxinões e os melros musicantes
Trinam alegremente nos aviarios,
Riçando as pennas, leves, saltitantes,
Sob o vasto clarão dos lampadarios.

E nos tanques de marmor cypolino
Vogam os cysnes — gondolas de plumas, —
Deixando á flôr do espelho crystallino
Fluctuantes bolhas, fluctuações de espumas . . .

Chegam os prisioneiros lusitanos
E gaulezes tomados em Carthago,
Mais possantes que os tigres africanos
Que a corça aterraram com o bramir presago.

Abrem-se as flôres da sensualidade !
Plena nudez ! Palpitam carnes brancas !
Como os granisos numa tempestade
Estalam beijos pelas boccas francas.

Cada mulher é um rio de luxuria
Onde brincam douz satyros : os seios,
Que, alvorocados por estranha furia,
O bico entezam em febris anceios.

Os barbaros, arfando de lascivia,
Pedem com ternos olhos, deslumbrados,
O manjar de uma carne moça e nivea,
Uivando como os lobos esfaimados !

— «O meu collar de gemmas ao mais forte !»
Brada Herculano, o gasto sybarita,
E a lucta infrene cresce num transporte
Que o torvelim de uma batalha imita.

Mais doce agora a musica resôa !
Ronca de amor a multidão devassa !
A ultima rosa da ultima corôa
Desfolha-se no Chypre de uma taça . . .

Cada qual mais ardente e mais cioso
Arrasta para longe uma hetaíra : *fornece*
Em cada peito, no apogeu do goso,
Maviosamente um coração suspira !

Estala o rosmaninho. Sacudidas,
As grandes amoreiras rumorejam.
Travam-se luctas. Laminas brunidas,
Como argenteos relampagos, lampejam.

Herculano de ciume empallidece !
Falta-lhe a força antiga ! O miserando
Impreca o céo, que, concavo, parece
Um brazeiro de opalas flammejando . . .

Vêm as essencias fortes do Oriente :
Pastas aphrodisiacas, perfumes
Excitantes : mas tudo inutilmente . . .
Não se reaccendem apagados lumes !

As moças e os meninos com desvelo
Procuram reavivar-lhe a extinta chamma :
Untam-lhe o corpo, beijam-lhe o cabello :
Mas nada mais aquella carne inflamma !

E o velho, com a feição transfigurada,
Foge ao triclinio, cambaleando, iroso,
A guedelha de suores empapada
— Neblina de um inverno doloroso !

Nem me parece bem
Apoiado a um mancebo a que se achega,
Affaga collos com sensual caricia ;
Tenta a vida nos labios de uma grega,
Busca amores no seio de uma egypcia.

A paciencia lhe foge ! Dilacera
O peito e esbofeteia os seus sequazes !
Contra a materia morta vocifera
Bramindo como doze satanazes !

— « Antes morresse o espirito ! » arquejante,
Brada, mordendo os pulsos doloridos ;
Anda, tropeça num casal possante,
Pára, escuta as palavras, os gemidos ;

Ri loucamente, applaude, espreita, espia,
E, na explosão do barbudo despeito,
Crava o estylete d'ouro, que irradia,
Na carne dos que gosam peito a peito.

Não entendo

As mulheres de subito, medrosas,
Fogem ao velho, pálpitas e bellas,
Accendendo entre as palpebras mimosas
Scintillações gemmiferas de estrellas !

Os instrumentos para longe atiram,
E, voluptuosas, ebrias, dissolutas,
Rojam-se aos pés dos ephebos... Deliram !...
Gemem de goso os satyros nas grutas !

Lacteas donzellas de olhos tentadores
Supplicam beijos, beijos e mais beijos,
Para apagar os lubricos ardores,
A vermelhaflammancia dos desejos.

Herculano, raivoso, o passo incerto,
Manda cessar a bacchanal fremente :
Apenas se ouve o languido concerto
Dos beijos altos do connubio ingente !

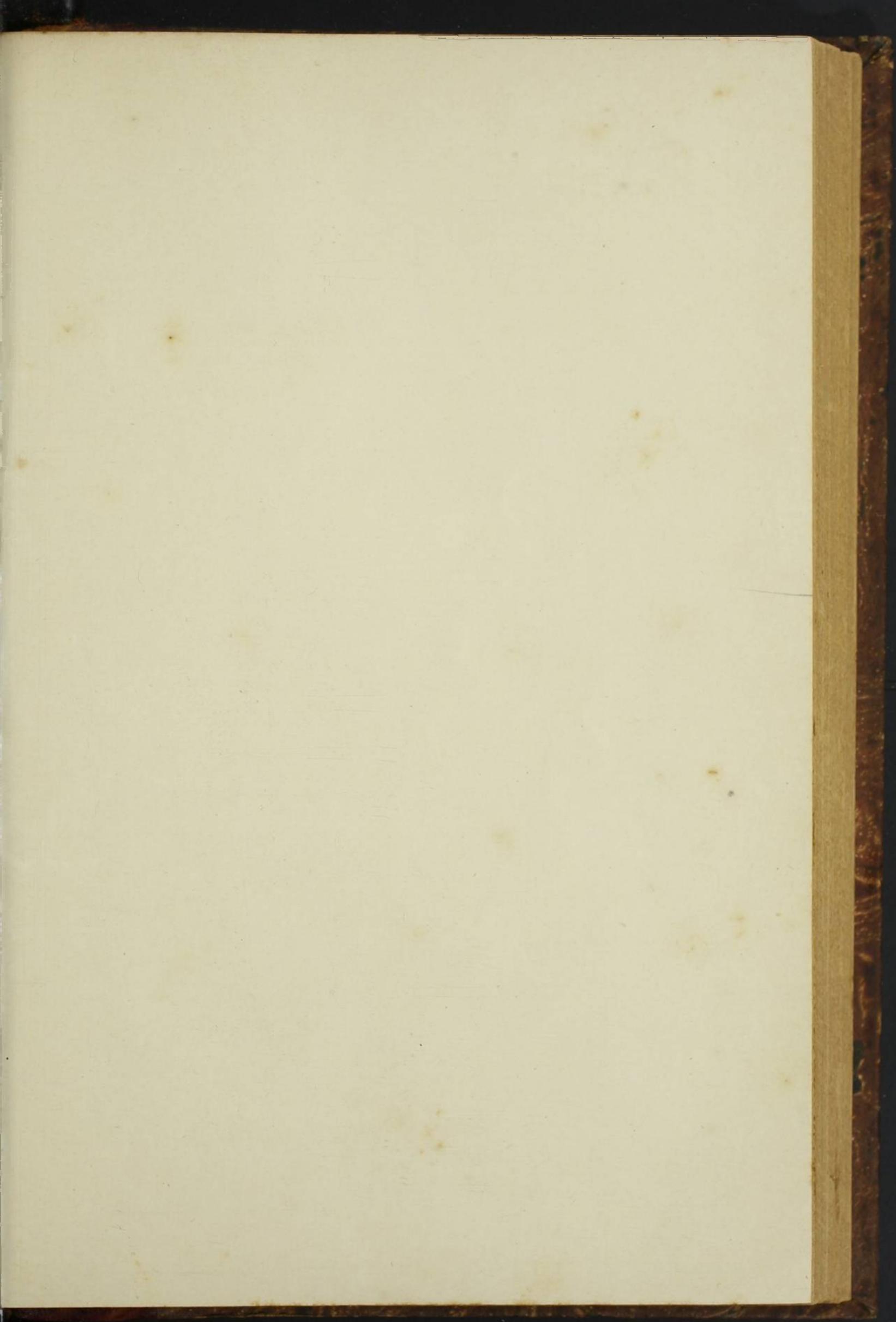
Tropego, o ancião desvia-se dos pares,
Foge da «villa» como de um inferno,
Volvendo ás gregas cupidos olhares...
Em vão ! Não pôde florescer o inverno !

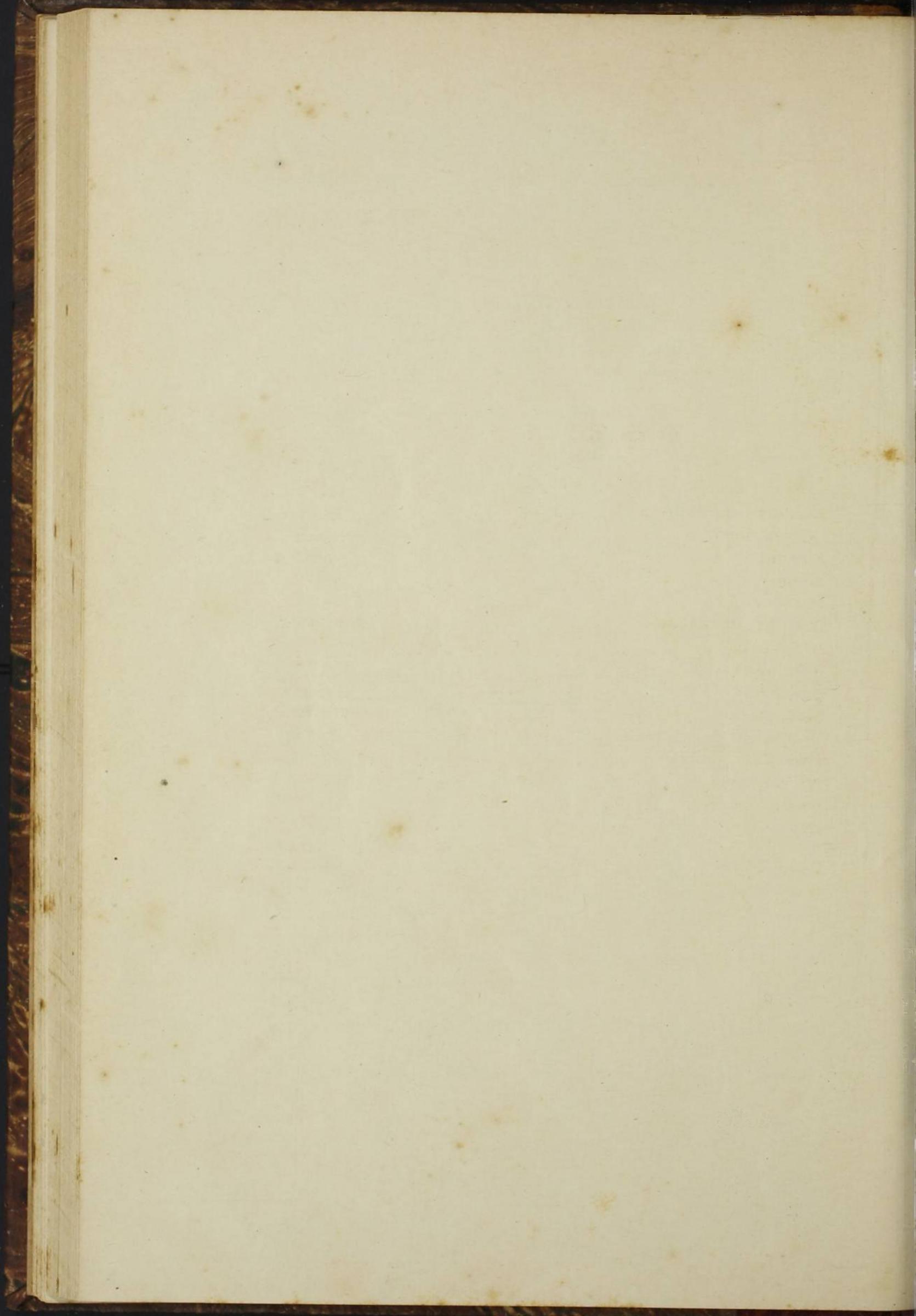
Corre, desvaira, e, em frente ao mar, que ofeaga,
Estaca... O mar ! o mar tambem !... A lua,
Hetaïra do Azul, ao mar se entrega,
Se entrega ao mar, como Amphitrite, núa !

De pé, na rocha — Tantalo sequioso, —
Horrendamente livido e convulso,
Vendo-se fóra do Eden delicioso,
Pragueja e grita, estorcegando o pulso !

Contra a impotencia — humilhação suprema ! —
Clama num torvo rictus de pagão...
— « Antes morresse o espirito ! » blasphemha :
E mergulha no mar como um tritão...

(*) Grande parte destes versos são do maravilhoso estylista.





INDICE

PREFACIO

AMOR

| | Pag. |
|-------------------------------|------|
| A morte de Petronio | 19 |
| O meu idéal | 25 |
| Phrynia | 29 |
| Milagre | 32 |
| O leque | 33 |
| A' hora da partida | 34 |
| A roseira | 37 |
| Reminiscencias | 38 |
| Consolado | 40 |
| Só | 42 |
| Immortal | 44 |
| Horas de sonho | 45 |
| A Saudade | 47 |
| Dous amores | 50 |
| Leda | 53 |

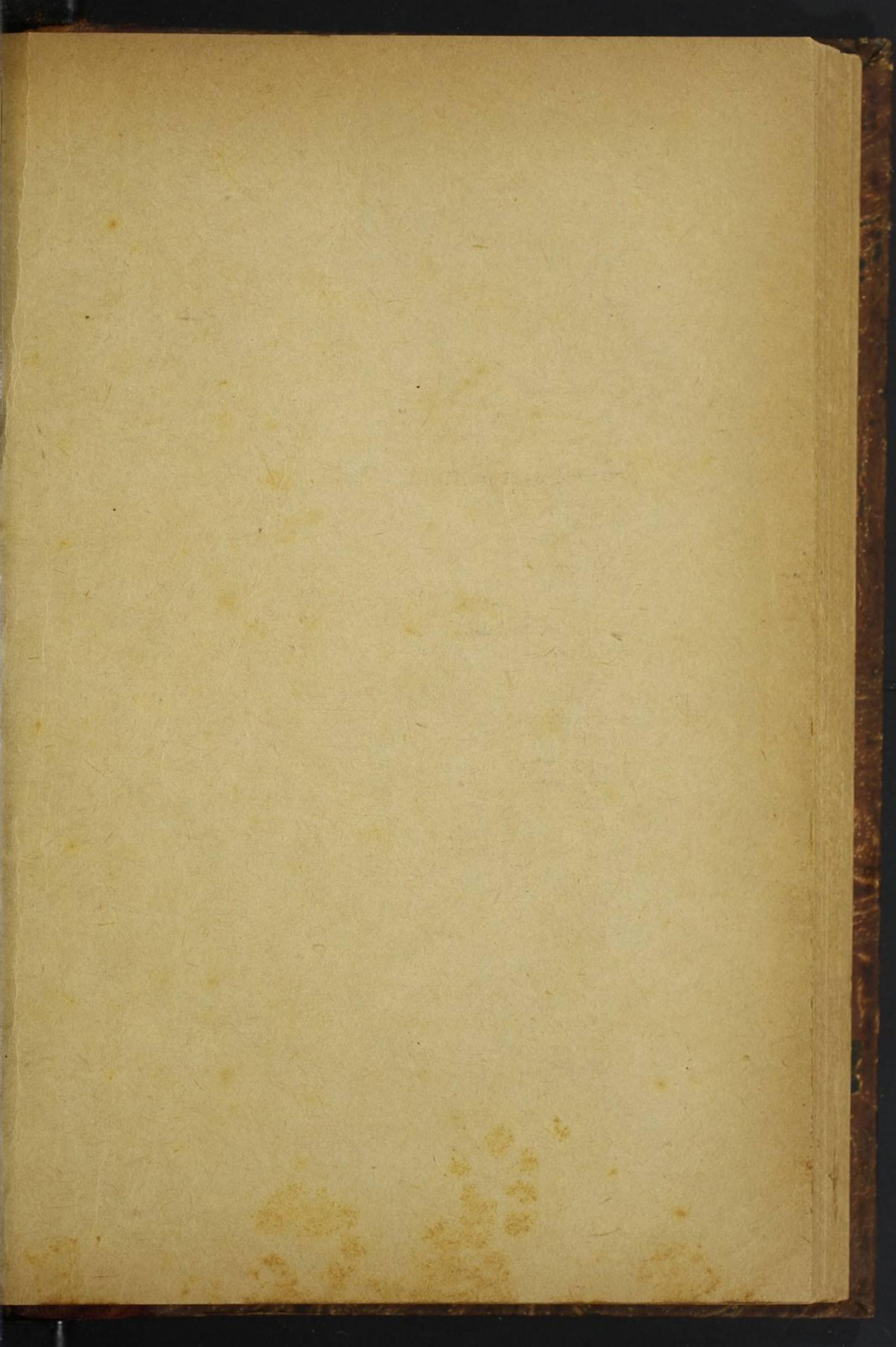
AQUARELLAS

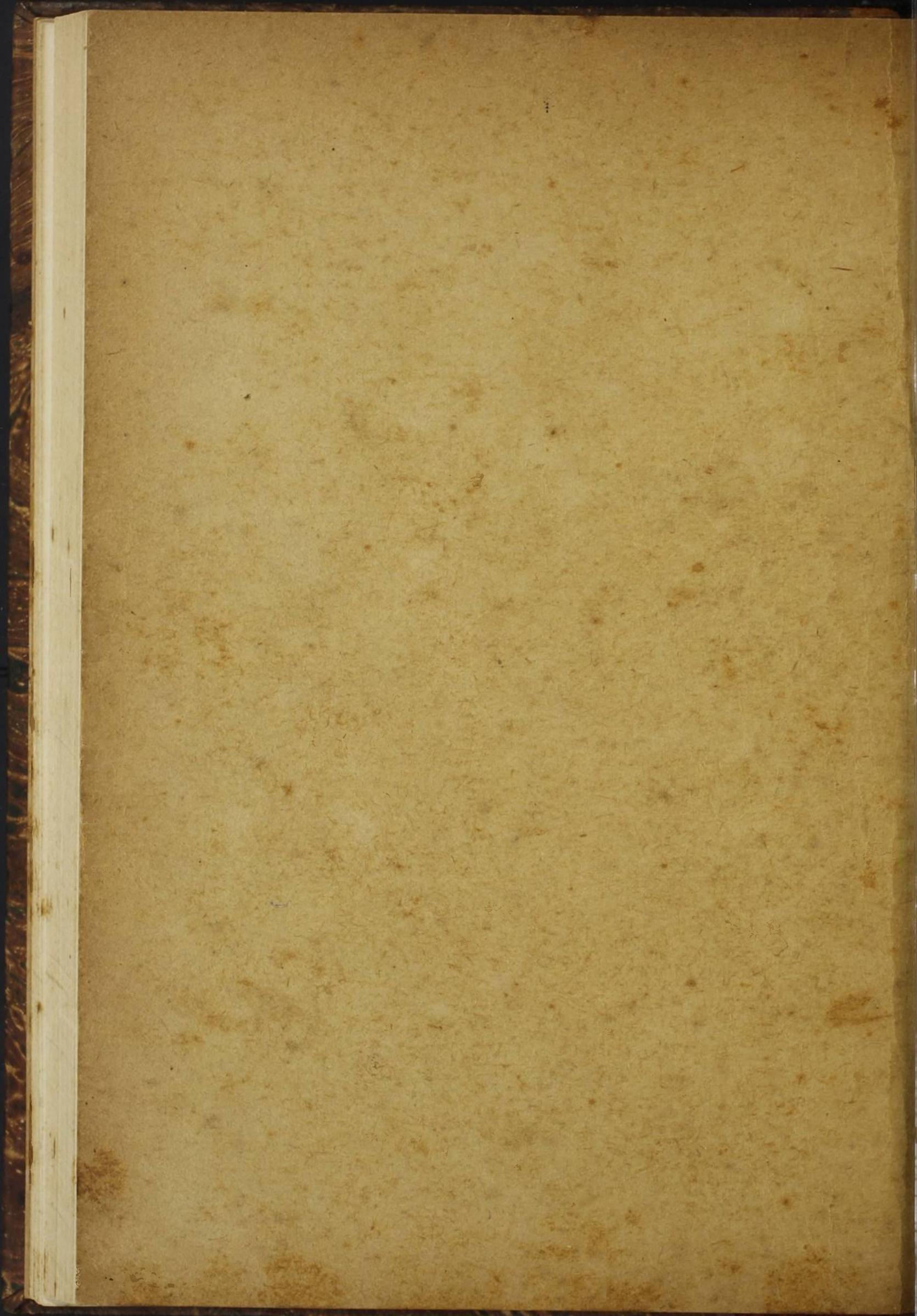
| | |
|-----------------------|----|
| O aranhol | 61 |
| A concha | 62 |
| As estatuas | 63 |
| Aurora | 64 |
| A aguia | 65 |
| Veneza | 66 |
| Marinha | 67 |
| Cleopatra | 68 |
| Celia | 69 |
| Galathéa | 70 |
| A um poeta | 71 |

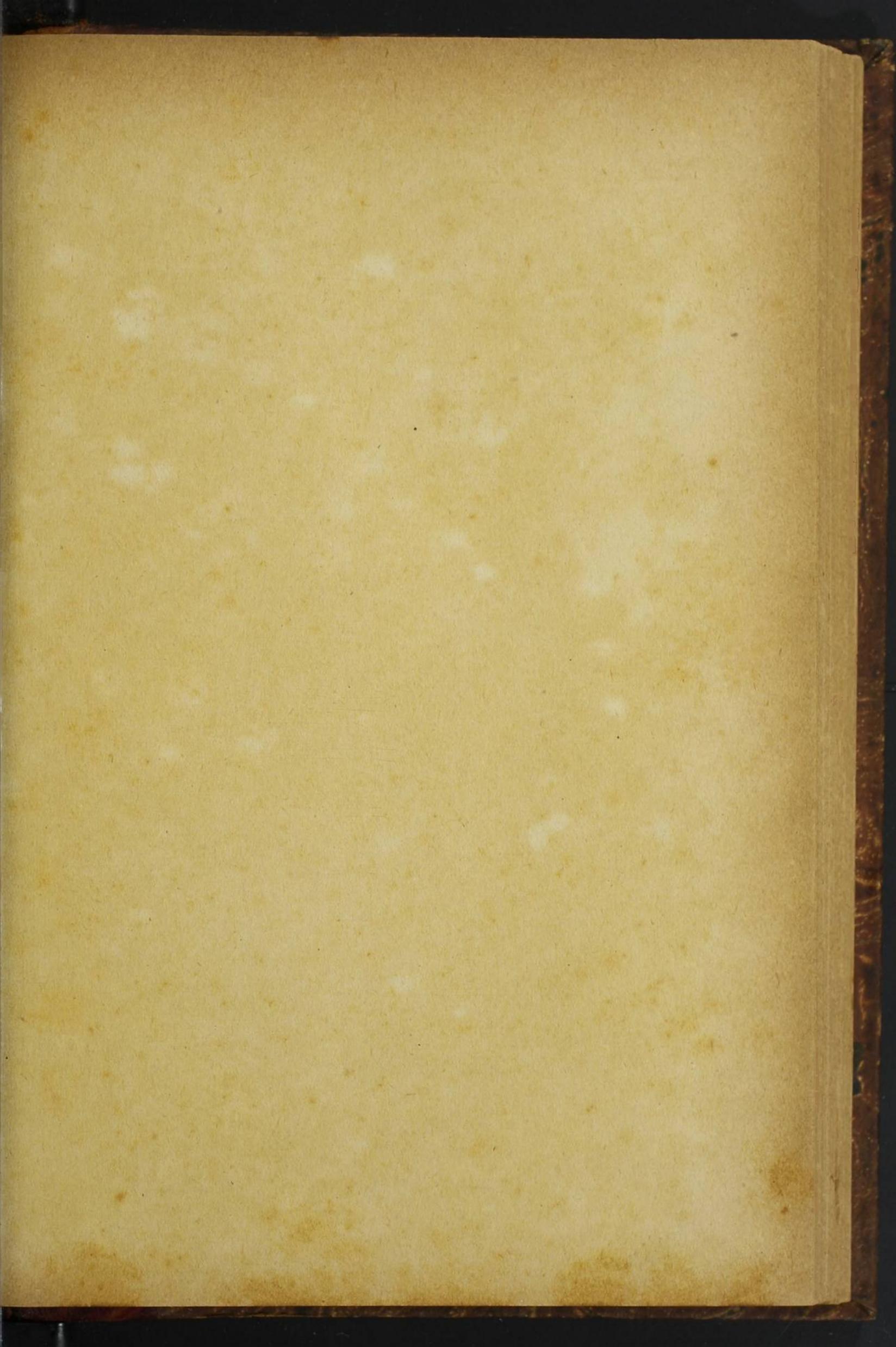
| | Pag. |
|-------------------------|------|
| Ouvindo o teu piano | 72 |
| Manhã na roça | 73 |
| Meia noite | 74 |
| Natal de Phrynia | 75 |
| Fugitiva | 76 |
| No declínio | 77 |
| Confissão | 78 |
| Horas negras. | 79 |
| Coração defunto | 80 |
| Lar de lucto. | 81 |
| Visões | 82 |
| OS TRIUMPHADORES | |
| Alexandre | 83 |
| Annibal. | 84 |
| Cesar | 85 |
| Bonaparte | 86 |

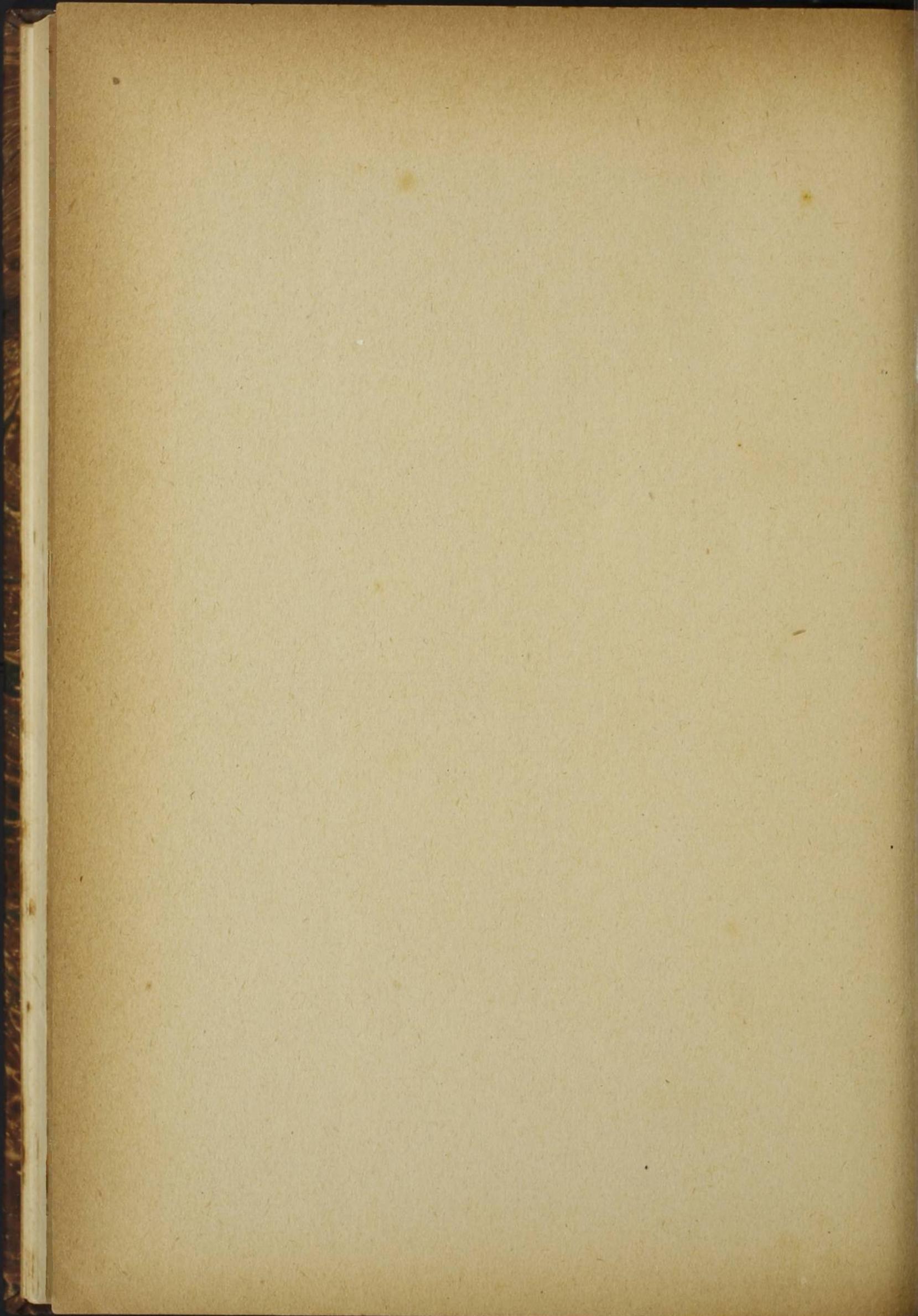
CAMBIANTES

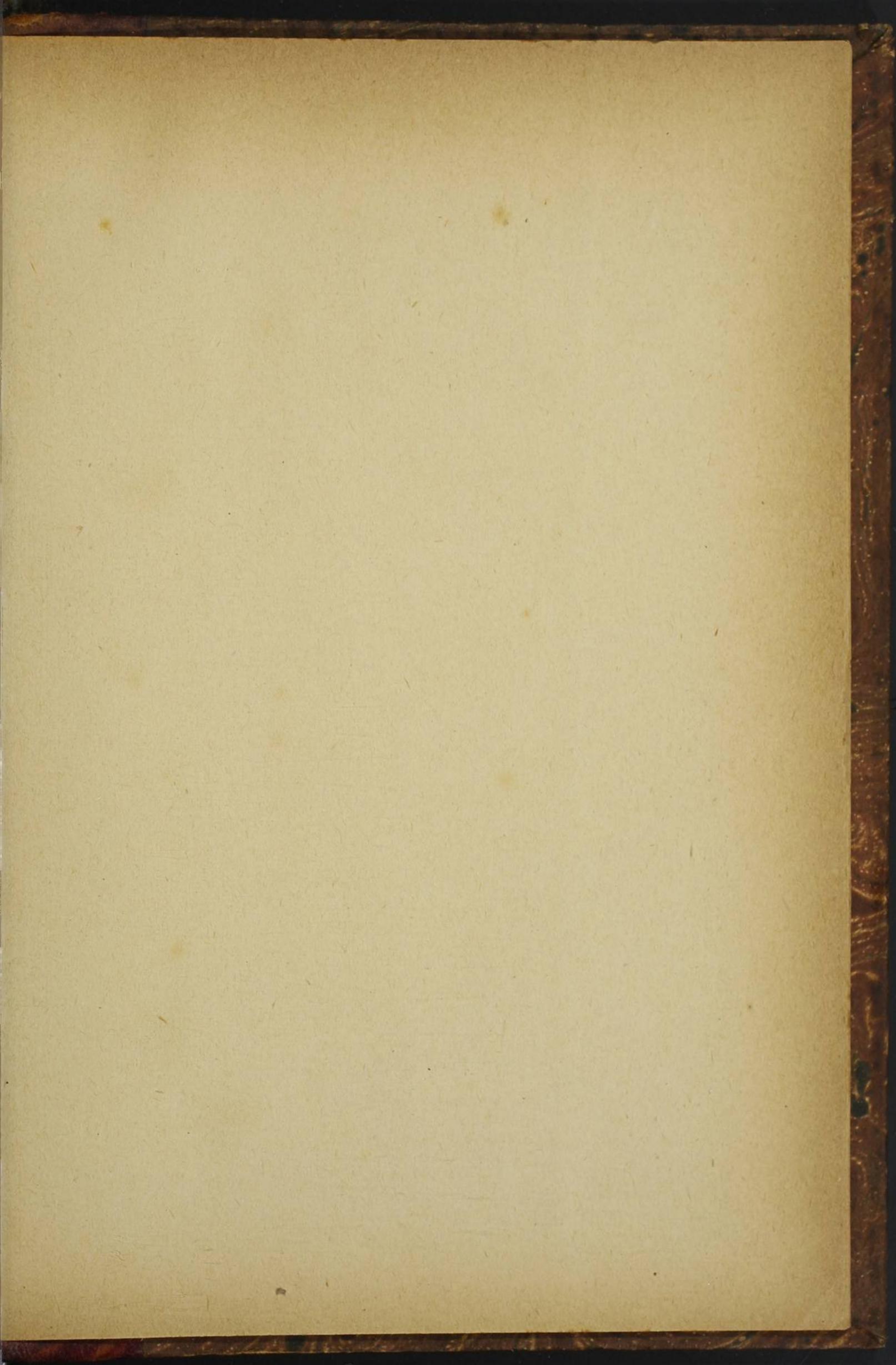
| | |
|--------------------|-----|
| A um Conquistador | 89 |
| Ser condor | 92 |
| A' Jesus | 95 |
| A' Dor. | 96 |
| A um avarento | 97 |
| Tuyuty | 98 |
| A tempestade | 99 |
| Casa paterna | 102 |
| De volta | 103 |
| Na roça. | 104 |
| A agonia da arvore | 105 |
| No campo | 106 |
| No valle | 107 |
| Na varzea | 108 |
| A torrente | 110 |
| Em Stambul | 115 |
| Visita nocturna | 116 |
| Balladilha | 117 |
| Sonho morto. | 118 |
| Horas mortas. | 119 |
| Noite de amor | 120 |
| Noite de inverno | 121 |
| Tantalo. | 122 |

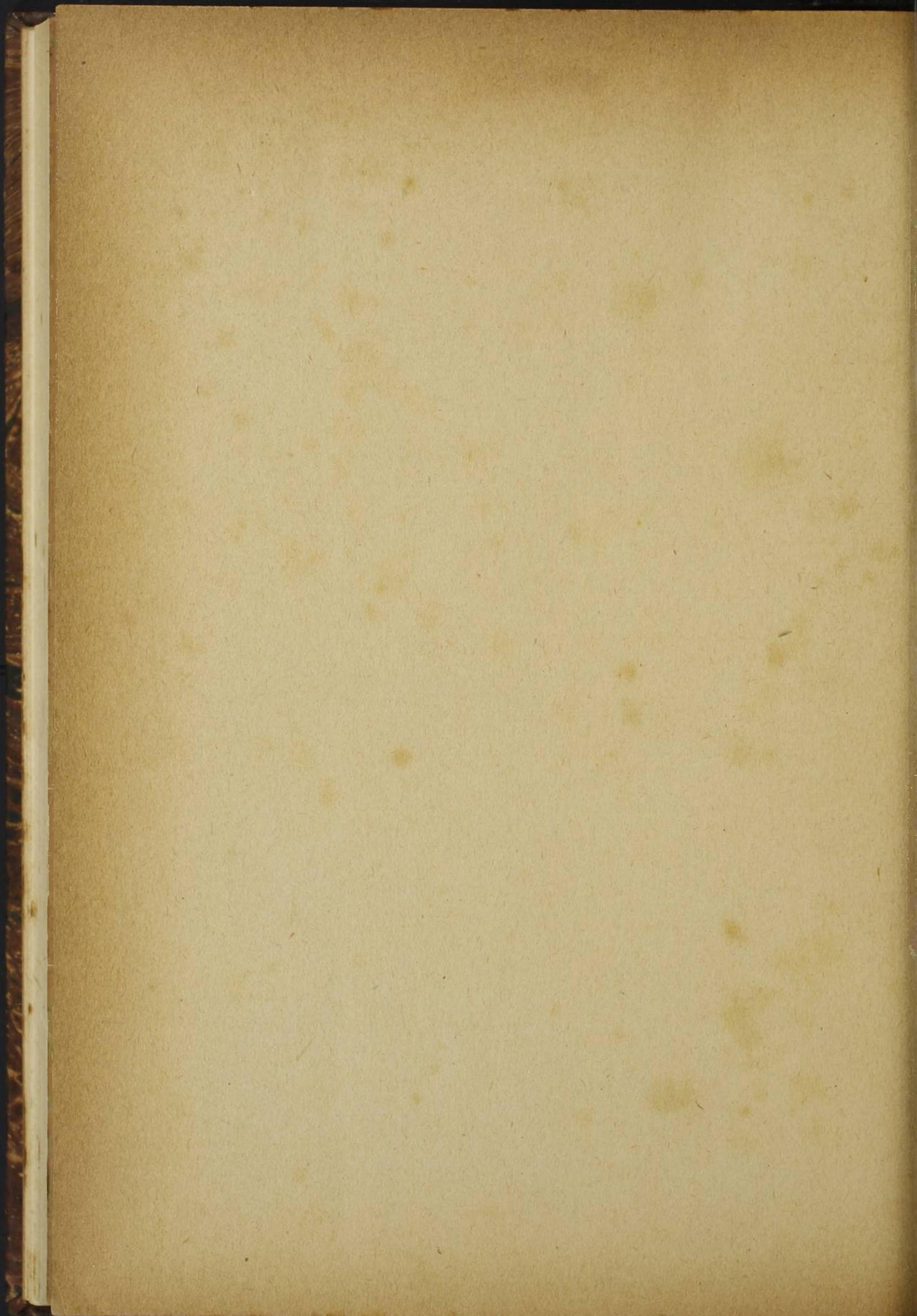


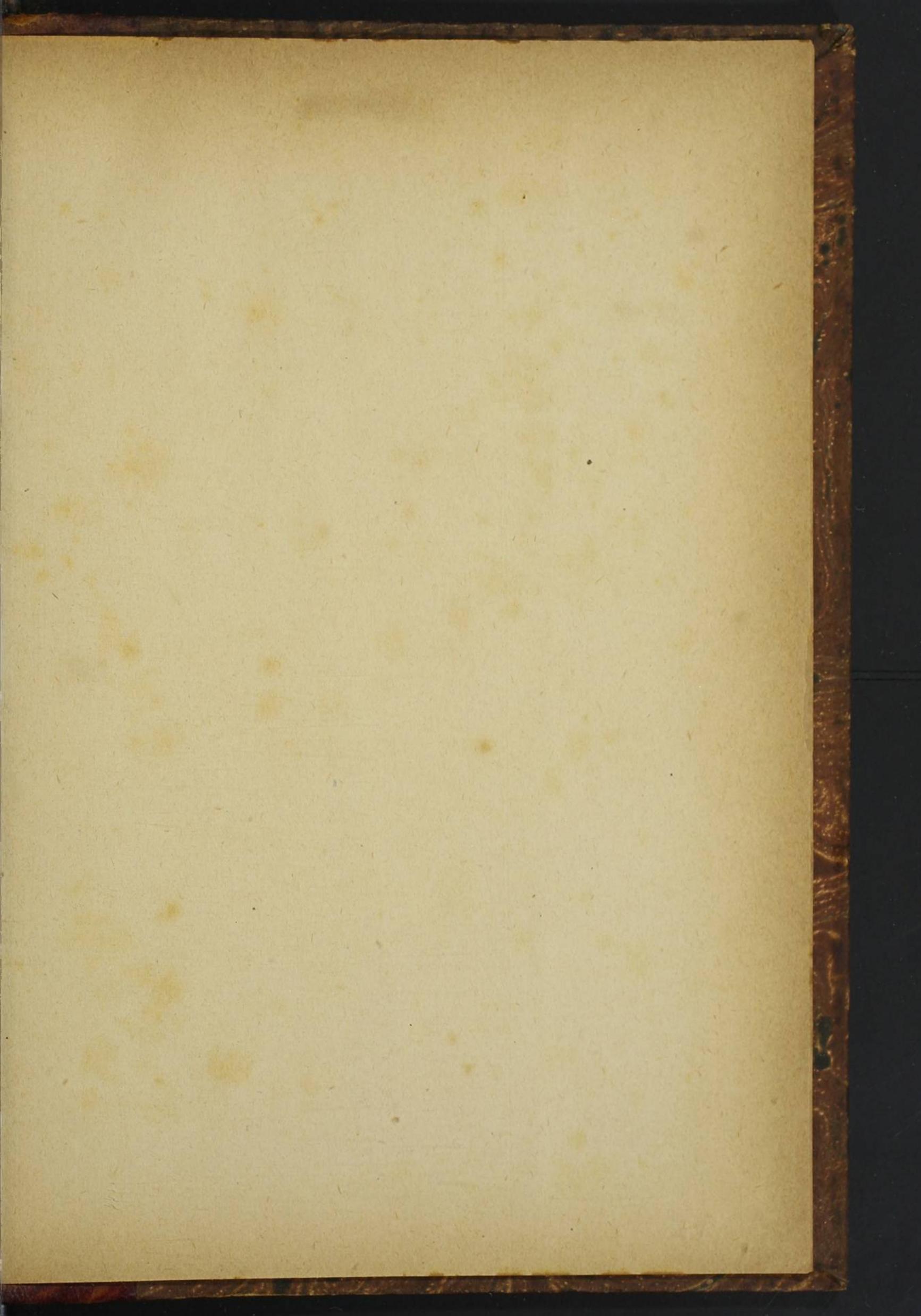












47997

